

PREVENT
SENIOR

Jornalistas & Cia

XP inc.

Edição 1.310A - 1º de Junho de 2021



120 GO GERDAU
O futuro se molda

Relações com Imprensa (11) 3094-6322
imprensa@gerdau.com.br
www.gerdau.com

JBS
((NET ZERO))
2040
ALIMENTAR A MUDANÇA
É O NOSSO COMPROMISSO.

vivo



ESPECIAL
DIA DA IMPRENSA

João
DO RIO

Quando chegou até nós a sugestão de fazer um especial sobre João do Rio, meses atrás, é preciso confessar que pouco ou nada sabíamos dele. O autor da proposta, Assis Ângelo, jornalista fora de série, nosso fiel colaborador, que ficou cego no final de 2013, insistiu: "Ele foi o inventor da reportagem no Brasil no início do Século XX, revolucionou a imprensa, e em junho será o centenário da morte dele. Vocês precisam fazer".

A insistência, que de início vimos com um certo distanciamento e alguma má vontade, deu lugar a um grande entusiasmo, ao constatarmos que era real não só tudo aquilo que Assis falava, como era tudo ainda "muito mais maior de grande", como diria o cantor e compositor Gonzaguinha. Daí a abraçarmos a ideia foi um piscar de

olhos. Melhor, abraçamos a causa de trazer de volta para o convívio das atuais e futuras gerações esse personagem ímpar da história do jornalismo brasileiro, cuja imagem esmaeceu-se com o passar das décadas.

Dele, salvo exceções, não se fala nas universidades ou cursos de Jornalismo. Sua história não é cultivada e sequer lembrada pelas instituições jornalísticas. Seu nome é quase um deserto para o jornalismo contemporâneo. O Google nos salvou. Foi jogar nele o nome de João do Rio para surgir diante de nossos olhos um gigante do jornalismo e da literatura, que conseguiu levar, em 23 de junho de 1921, data de sua morte, 100 mil pessoas em seu féretro, no Rio de Janeiro.

João do Rio é, pois, o nosso homenageado neste *Dia da Imprensa*, em 2021, numa edição única e exclusiva, que, esperamos, possa contribuir para a ele fazer justiça e resgatar sua memória para as novas e futuras gerações – sobretudo nos bancos das universidades, onde sua vida e sua saga precisam voltar a ser ensinadas, para que seu legado possa servir no mínimo para inspirar o bom jornalismo. Hoje, portanto, é só João do Rio. A edição normal, circulará normalmente amanhã (2/6).

Ao planejar a edição, convidamos o próprio Assis para a curadoria. Chegamos a combinar uma entrevista para ele contar o muito que sabia da história de João do Rio, com a riqueza de

detalhes que só o seu Instituto Memória Brasil tem hoje em dia, sobre figuras de nossa história mais recente. Ele preferiu fazer diferente. Optou por um trabalho autoral, em que mescla poesia e ficção com a realidade do tempo de João e do próprio João. Fez mais, convidou a dupla Caju e Castanho, patrimônios da cultura popular brasileira, com 40 anos de estrada, para cantar uma embolada que ele mesmo, Assis, compôs para essa homenagem. E assim foi feito, na tarde de 17 de maio, uma segunda-feira, na casa do próprio Assis, onde a emoção rolou solta. Só podemos adiantar aqui, para não estragar a surpresa, que o furo de reportagem de Assis Ângelo, regado a embolada e à presença histórica de Caju e Castanho, fecha esta edição com chave de ouro.

Também nos ocorreu recorrer a um outro colaborador frequente de nossas páginas, o consagrado José Maria dos Santos, de brilhante carreira no jornalismo e que também tem um pé na História, membro, aliás, da Academia Paulista de História. O convite foi para ele coordenar a edição. Ele preferiu fazer diferente. Optou por mergulhar na pesquisa, construiu uma incrível narrativa da vida e morte de João do Rio, com uma impressionante riqueza de detalhes. Leitura que, embora extensa, é leve e agradabilíssima. Um texto magistral, que poderá ser degustado palavra a palavra, frase a frase, parágrafo a



Confiança e transparência. Valores essenciais para o banco e a imprensa.

O Itaú Unibanco agradece
o empenho de todos os profissionais
que constroem a credibilidade
do jornalismo brasileiro.



ESPECIAL
DIA DA IMPRENSA



parágrafo, com as múltiplas conexões entre passado e presente que somente uma mente privilegiada poderia fazer.

Ao olhar essas duas preciosas contribuições, pensamos: OK, estamos com uma edição parruda, com dois olhares que se completam e dão ao nosso personagem contornos de um herói de seu tempo, que superou preconceitos contra a obesidade, a homossexualidade e a pele negra com um vigor e uma intensidade impensáveis numa pessoa normal. Mas será que não conseguiríamos esquentá-la? E se reuníssemos estudantes para fazer uma reportagem contemporânea dessa jornada histórica?

Bingo! Logo veio à mente o jornalista e escritor Moacir Assunção (ex-Estadão), há anos dando aulas na Universidade São Judas. Convite feito e aceito, sugerimos uma grande reportagem sobre o personagem João do Rio. **Ele preferiu fazer diferente.** Em vez de uma grande, fez várias pequenas reportagens mostrando as múltiplas facetas de nosso homenageado. Moa, como carinhosamente o chamamos,

montou um grupo de alunas, que, cheias de empolgação, aportam à edição os olhares da nova geração de jornalistas que vem aí, com direito até a uma crônica mostrando a falta que fazem hoje ao jornalismo figuras como João do Rio. Na edição, optamos por enxertar essas várias reportagens na narrativa de José Maria dos Santos, dando um balanço e um ritmo diferente à leitura. Foi desafiador planejar a edição, e agradabilíssimo produzi-la e editá-la. Mas só estaremos de fato satisfeitos se vocês dela de fato gostarem.

Com esse tripé de narrativas que fazem avultar aos olhos a figura exuberante de João do Rio, cremos estar entregando aos leitores de Jornalistas&Cia e do Portal dos Jornalistas uma edição que faz justiça a um dos grandes nomes e personagens de nosso jornalismo.

Obrigado Assis, obrigado Zé Maria, obrigado Moacir e suas alunas pela valiosa contribuição. E também a toda a equipe de Jornalistas&Cia e aos nossos anunciantes, que fazem com que esta edição fique ainda mais engrandecida.

Viva o *Dia da Imprensa*, viva João do Rio, viva a Liberdade de Imprensa!!

Eduardo Ribeiro e Wilson Baroncelli



O COMPROMISSO COM A VERDADE, COM A CORAGEM E COM A DETERMINAÇÃO SALVA VIDAS!

NOSSO AGRADECIMENTO A TODOS OS JORNALISTAS
PELA COBERTURA EXCELENTE E MINUCIOSA QUE TÊM
REALIZADO NESTA PANDEMIA.

SEGUIMOS JUNTOS NA LUTA POR GRANDES AVANÇOS
QUE MUDAM AS VIDAS DOS PACIENTES.

A CIÊNCIA VENCERÁ!



João do Rio 1921 – 2021

De fraque e cartola, lá vai o jornalista-passeador fazer a sua revolução

Por José Maria dos Santos (*)

Se estivéssemos no ano de 1921, o escritor e jornalista **João do Rio** morreria dentro de alguns dias, em 23 de junho, uma quinta-feira, conforme o calendário da época. Lá se vai quase um século.

Naquele dia ele cumpriu sua agenda rotineira. Tomou café com a mãe, Dona Florência, na casa onde moravam, em Ipanema, e depois seguiria de taxi, seu habitual meio de transporte, até a redação do jornal A Pátria, do qual era dono, no Largo da Carioca, no centro do Rio.

(Esta introdução, no encadeamento deste texto, já anuncia minúcias e contextualizações para apresentar João do Rio, figura pouco conhecida entre nós. É um cuidado justificado por ter sido ele um dos espíritos mais complexos, instigantes e vanguardistas que a nossa *belle époque* produziu sob a moldura do Rio de Janeiro).

Quem o visse dividindo o desjejum com a mãe, estranharia o contraste físico entre ambos, pois sua obesidade excessiva e algo disforme, produzida pelo hipotireoidismo, antecipava o envelhecimento aos 39 anos, enquanto a passagem do tempo não parecia ter maltratado Dona Florência. Tampouco parecia, nos seus 58 anos, trazer-lhe marcas de uma viuvez relativamente precoce após 17 anos de casamento, embora a ausência prematura do professor Alfredo Coelho Barreto deva ter-lhe sido sofrida, se forem levadas em conta as raízes sólidas do seu casamento, fincadas no idealismo comum. Uniu-os a mesma compaixão pelos menos favorecidos, pois se conheceram dando aulas de alfabetização para jovens pobres. Vínculos dessa qualidade, sabe-se muito bem, criam relacionamentos definitivos,



que se refletem positivamente nos filhos. No caso de João do Rio, talvez tenha a ver com o seu interesse pelas pessoas mais humildes e a fascinação pela rua no seu sentido de ser a passarela na qual desfila a comunidade; é algo que predomina nos seus escritos, leia-se 25 livros e uma infinidade de textos que certamente se perderam em variados jornais, revistas e folhetins. Mas, sobretudo, é de supor que recebeu dos pais a segurança emocional para administrar os próprios talentos, enfrentar desafios, expor-se abertamente para afirmar suas ideias e presença. Era ativo e, às vezes, briguento.



Os pais, Alfredo e Florência Barreto



João do Rio, aos 3 e aos 18 anos

Aos 17 anos, mal saindo dos cueiros, como se dizia antigamente a respeito de pessoas precoces, já era uma estrela em ascensão no jornalismo carioca, melhor dizendo, do Brasil. Não é pouco, naquele início de século, para um homossexual cuja rejeição devia ser amplificada pela desvalorizada ascendência africana, a referida obesidade disforme e a disposição de não levar desaforo para casa. "Manta de gordura com dois olhos" era um dos tratamentos mais doces que lhe dedicavam.

Alfredo e Florência haviam se casado em 1877 e, como não era raro na época, ela mal chegara aos 15 anos, pois a intimidadora baixa média de

longevidade estimulava procriações a galope. Tinha 19 anos quando trouxe João ao mundo.

Mais tarde, o filho iria dizer que Alfredo fora um pobre professor de

Matemática, sugerindo modéstia financeira, mas isto não impediu que, no seu singelo anonimato, fosse o que hoje se classifica como um homem do seu tempo, sempre acertando o passo com a contemporaneidade. Abraçara o Positivismo, a então corrente filosófica dominante no Ocidente, criada pelo francês Augusto Comte (1798-1857), que, após provocar furor no mundo, iria se tornar mais um degrau da humanidade na sua busca de evolução. O professor Alfredo foi um militante de primeira hora na Igreja Positivista fundada por Miguel Lemos e Raimundo Teixeira Mendes, no bairro da Glória, em 11 de outubro de 1881, quando João do Rio ainda era um bebê em formação nos interiores de Dona Florência. A instalação da igreja registra concretamente a presença influenciadora da escola filosófica entre nós. Na verdade, apesar da designação, a igreja não tinha o caráter místico-religioso convencional. Pregava a original Religião da Humanidade, que consistia em praticar o altruísmo, apoiada nesta trindade: o amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim, sustentada na ideia de que o conhecimento científico era o único caminho para o conhecimento verdadeiro. Era uma receita aparentemente benéfica, na qual, porém, sobrevoava uma sombra de autoritarismo.

O Positivismo representou, no século XIX, o papel do Marxismo, do Existencialismo e demais *ismos* no século passado. Mas também é de supor que, devido à uma particularidade histórica,



(*) José Maria dos Santos (dsjose@uol.com.br), ex-Diários Associados, Manchete, Abril e Diário do Comércio, de São Paulo, entre outros.

SE AS MUDANÇAS DO MUNDO NÃO SÃO NOTICIADAS, ELAS NÃO EXISTEM.

1º de junho. Dia da Imprensa.

Parabéns a todos os profissionais
que acreditam numa imprensa
livre, verdadeira e transformadora.

#PositiveBanking



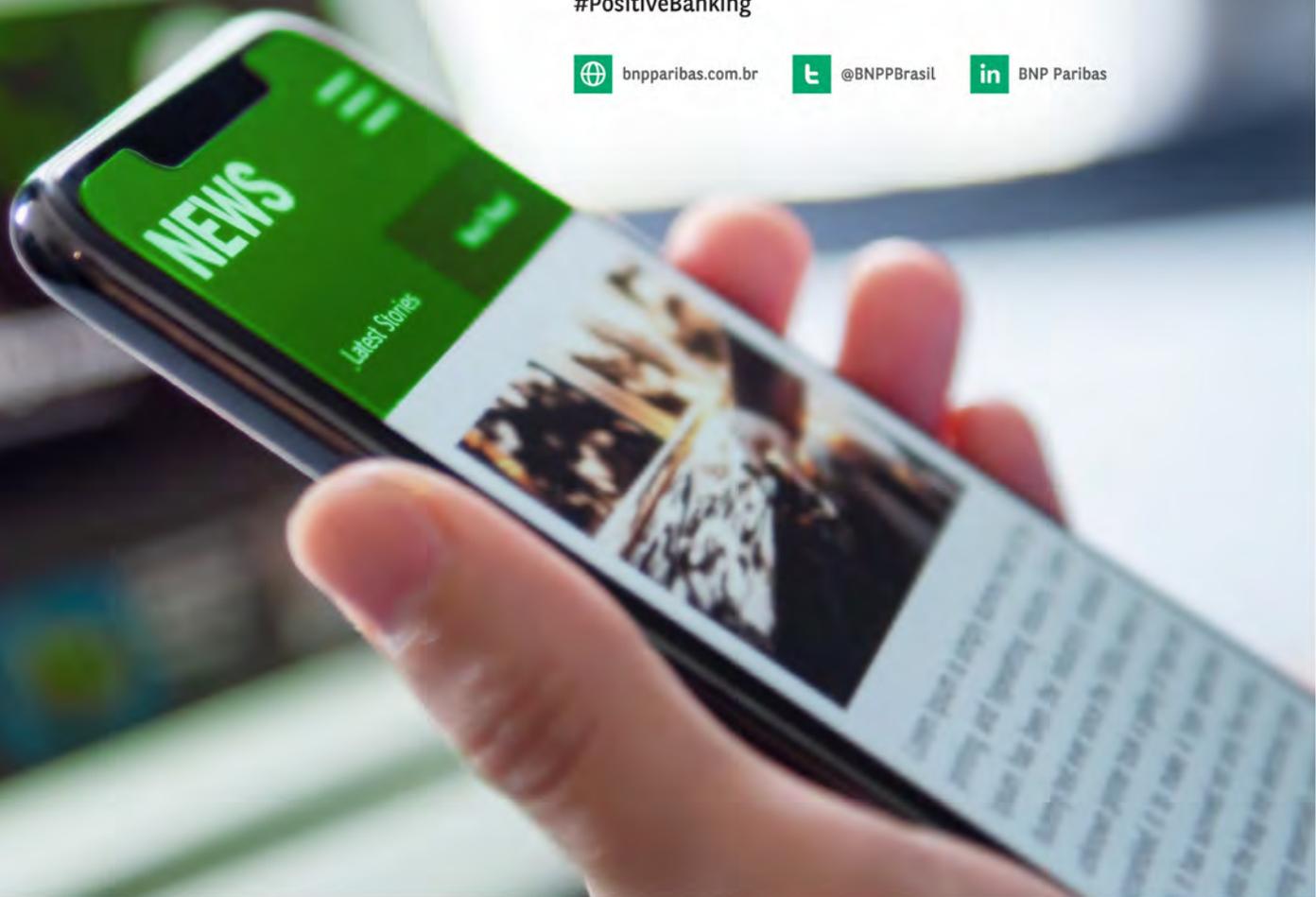
bnpparibas.com.br



@BNPPBrasil



BNP Paribas



BNP PARIBAS

Um banco
para um mundo
em mudança



tornou-se uma espécie de fóssil ideológico vivo entre nós: seu auge coincidiu com o nascimento do Brasil como nação, justificando a tese recorrente de que tingiu as raízes do País no seu nascedouro, introduzindo cláusulas pétreas

no ideário de importantes instituições nacionais, necessárias à sua consolidação e funcionamento. Isso talvez explique porque a sua Igreja, na Glória, continua com as portas abertas em pleno século XXI, como se fosse uma espécie de lembrete da cristalização positivista diluída e presente na nossa cultura.

Neste capítulo é necessário deitar luzes sobre a figura do coronel e engenheiro Benjamin Constant (1836-1891), que, ao lado de Teixeira Mendes e Lemos, formou o incansável trio propagador do Positivismo no Brasil. Era um oficial do Exército Imperial, que combatera na Guerra do Paraguai. Essa experiência atrelada ao seu prestígio pesaria na formação da nossa cultura castrense, como assinala a sua trajetória. Ele propagou com sucesso as ideias positivistas entre a jovem oficialidade do Exército, inclusive como professor na Escola Militar da Praia Vermelha, que seria o embrião da Academia Militar de Agulhas Negras, em Rezende (RJ). Benjamin Constant foi um dos principais articuladores da Proclamação da República, em 1889. Portanto, não é difícil constatar que a Proclamação da República recebeu a benção do Positivismo, conforme atesta a criação da nossa bandeira naquela ocasião, cuja idealização foi entregue ao referido Teixeira Mendes. Sua frase – Ordem e Progresso – confirma a influência.

Não é o caso de discutir aqui a profundidade do Positivismo na nossa cultura militar, tema frequentemente arranhado em debates sobre os caminhos da nossa Democracia. Mas naquilo que diz respeito a João do Rio, o escritor-jornalista foi excepcionalmente favorecido

Acervo Igreja Positivista do Brasil



Religion de l'Humanité. — Le Temple Positiviste à Rio de Janeiro — Brésil.

Igreja Positivista

pela opção filosófica paterna, embora não raramente discordasse do pai nesse terreno. Alfredo Coelho Barreto, como bom positivista, procurou obter uma sólida formação intelectual, que transferiria ao primogênito; não faltarão mais adiante esclarecimentos a respeito. (O segundo filho de Alfredo e Florência, Bernard, morreu ainda criança, em 1898). Mas, a julgar pela biografia de João Rio, talvez o Positivismo não lhe tenha marcado o pensamento, se tomarmos o lema da bandeira como ponto de partida.

Ordem, pelo menos, não foi uma virtude que reluzisse na vida do nosso personagem.

É ele que passa...

Diariamente João do Rio percorria quase 12 quilômetros para chegar ao Largo da Carioca. Era uma travessia com certo sabor agreste, porque a paisagem urbana somente começava a ganhar forma em

João do Rio, pelos olhos dos estudantes

Como dissemos na abertura, este especial contou com a colaboração do professor **Moacir Assunção**. Ele convidou as alunas **Paula Prata**, **Stefany Lima**, **Palloma Baccarin**, **Gabriela Nolasco** e **Talita Altruda** para, juntos, mergulharem no que representou João do Rio para o jornalismo, para o Rio de Janeiro e mesmo para o Brasil. Moacir fez uma histórica reconstituição do Rio de Janeiro e de seus personagens daquele início de Século XX. Paula buscou mostrar quem eram os intelectuais e jornalistas da época, bem como o João do Rio defensor dos excluídos. Stefany montou uma sintética linha do tempo e escreveu sobre o João do Rio escritor. Palloma avançou nas pesquisas para mostrar quem foram os amigos e os inimigos de nosso homenageado e também algo sobre a afirmação da africanidade e do homossexualismo. Talita focou as muitas polêmicas em que ele se envolveu.

E Gabriela fez uma síntese de tudo, escrevendo uma crônica em que mostra João como um dos gigantes do jornalismo brasileiro, por sua luta em defesa da justiça. Esses textos estão distribuídos ao longo da edição, devidamente assinados.

Importante ter neste trabalho a contribuição de estudantes, que ajudaram a compor o memorial desse personagem que, olhado hoje na distância do tempo, mostra-se encantador e inspirador.

ER/WB



Moacir Assunção

O Rio da belle époque e de João do Rio e as "picaretas do progresso"

Jornalista viveu uma época de grandes mudanças na então Capital Federal

O Rio de Janeiro de João do Rio – entre o fim do século XIX e a década de 1920 – era uma cidade com cerca de 800 mil habitantes, em franca ebulição durante a *belle époque*. O período, de cerca de 43 anos, vai do início da Guerra Franco-Prussiana de 1870 até o advento da Primeira

Guerra Mundial, em 1914. Foi marcado por avanços na literatura e na tecnologia, o que levou à crença no progresso civilizacional e no desenvolvimento tecno-científico.

Espremada entre a montanha e o mar, a cidade passava por uma grande transformação urbana, liderada pelo prefei-

Moacir Assunção
e Paula Prata



to Francisco Pereira Passos (1902-1906), sob a orientação do então presidente da República Rodrigues Alves, que, a exemplo do Barão Hasselman,

A imprensa tem um papel fundamental para a sociedade.



Uma imprensa livre é um pilar fundamental para uma democracia sólida. Em sua atuação, a imprensa fiscaliza as autoridades, poderes e serviços, amplifica a voz da população e leva informação para todos os cidadãos.

O Grupo Alubar celebra e parabeniza todos os profissionais de imprensa que, diariamente, contribuem para uma sociedade mais democrática e informada.

Parabéns a todos os profissionais de imprensa!

| 01 DE JUNHO - DIA DA IMPRENSA |



COMUNICAÇÃO ALUBAR


ESPECIAL
DIA DA IMPRENSA

João DO RIO

Quando João mudou-se para Ipanema, a ocupação do lugar era relativamente recente, pois o núcleo original fora criado em 1894 por José Antônio Moreira Filho, segundo Barão de Ipanema. Está claro que recorreu ao seu brasão de família para batizá-lo e isso talvez incomode os cariocas que ainda inflam uma pretensa rivalidade entre Rio e São Paulo, pois a designação da praia mais famosa do País, ao lado de Copacabana, vem de um rio que serpenteia pela caipiríssima região paulista de Sorocaba, onde a roceira pronúncia gutural da letra R atropelaria sotaques de silvos acentuados.



Av. Vieira Souto, em Ipanema, onde João do Rio teve sua casa

João havia construído duas casas – uma para si e outra para a mãe – no espaço onde hoje se acredita assentar a sofisticada avenida Vieira Souto, cujo charme vale agora R\$ 32.895 o metro quadrado.

O fascínio de João do Rio por Ipanema ganhou corpo em 1916 pelos olhos de Isadora Duncan (1877-1927). Naquele ano o País recebeu a visita

dessa lendária e esfuziante dançarina – eis os adjetivos mais justos para qualificá-la – e o escritor tornou-se uma espécie de cicerone preferido na paisagem carioca. Ocorre que a conhecera em Paris, em 1910, naquela que foi a primeira de suas três viagens ao Exterior; as circunstâncias do reencontro indicam que haviam ficado bons e próximos amigos.

Naqueles idos de 1916 ambos fizeram história, pode-se dizer assim, na crônica mundana da cidade; os detalhes serão oferecidos mais à frente. Por ora, convém adiantar um passeio feito em altas horas por Ipanema, que rendeu a crônica “Praia Maravilhosa”, publicada em O Paiz muito tempo depois, em 22 de maio de 1917. Não há dúvida de que a sedução partiu da boca de Isadora. (O Paiz, fundado em 1884, saiu de cena em 1930. Rui Barbosa foi seu primeiro redator-chefe, seguido por Quintino Bocaiuva. Evidentemente abolicionista e republicano, alinhava-se com a vanguarda do seu tempo.)

Há um ano alguns poetas e alguns homens de sociedade ouviam Isadora Duncan – Musa do Erecthei que passa pelo mundo como o segredo revelado da beleza suprema. Isadora falava no deslumbramento da natureza. E de repente ela nos perguntou se conhecíamos a praia.

- O Leme?
- Não.
- Copacabana?
- A outra – outra praia...

As belezas do Brasil interessam pouco aos brasileiros. Nós positivamente não conhecíamos a outra praia – a praia que sobremaneira impressionara Isadora, a dançarina de gênio profundo. Ela, porém,



Isadora Duncan

João do Rio, pelos olhos dos estudantes

em Paris, três décadas antes, praticamente destruiu a antiga urbe, expulsando a população pobre dos cortiços e mocambos do centro e criando uma nova sobre os escombros da antiga. A ideia das “picaretas do progresso”, como dizia a imprensa da época, era esculpir uma espécie de Paris dos trópicos.

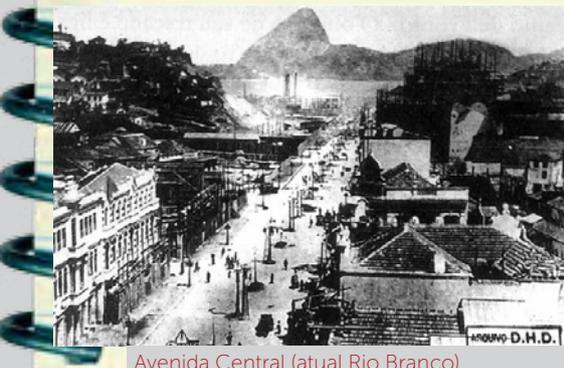
Nasciam, então, as áreas livres e chiques, ao lado do mar, os jardins e as grandes avenidas, entre as quais a Central, atual Rio Branco, com traçado francês, ladeada por prédios da *belle époque* parisiense e

elegantes postes no estilo europeu. Na ocasião, cerca de 600 habitações foram destruídas e, em seu lugar, surgiram palacetes, praças e avenidas. Entre as prioridades do presidente e do prefeito estavam a reforma urbana, a modernização do porto e o combate às epidemias com o saneamento básico. Em reportagem à revista Kosmos, em 1904, escrita por Olavo Bilac, a visão do futuro parece auspiciosa: “Há poucos dias, as picaretas, entoando um hino jubiloso, iniciaram os trabalhos de construção da Avenida Central, pondo abaixo as primeiras casas condenadas”.

A avenida rasgava o centro e logo ganhou o nome de Rio Branco, em referência ao famoso diplomata, Barão do Rio Branco, morto em 1912, o primeiro a passar de automóvel por ali e que recusou a candidatura do repórter João do Rio ao Itamaraty, por ser gordo e negro. Um obelisco de pedra em seu final marcou a construção. Também foi criada a Avenida Atlântica, em Copacabana, que reproduzia, em pedras portuguesas, os desenhos em forma de onda do Largo do Rossio, em

Lisboa, que se tornou um dos símbolos da cidade. O Rio havia passado, pouco antes, por um rigoroso saneamento, liderado pelo médico Oswaldo Cruz, que havia tirado da cidade o pouco honroso título de “capital da varíola e do sarampo”, como era conhecida no exterior, tornando-a bem mais saudável. Nos cortiços, estalagens e casas de cômodo havia surtos constantes de febre amarela, peste bubônica, malária e varíola. O cortiço Cabeça de Porco, o maior da Capital, chegou a ter mais de dois mil moradores. Aos poucos, os mais pobres começariam a perceber que não havia lugar para eles na “nova cidade”.

De acordo com o pesquisador Jaime Larry Benchimol, autor do livro *Reforma urbana e Revolta da Vacina no Rio de Janeiro*, a cidade teve surtos de febre amarela que causaram a morte de milhares de pessoas em 1849, 1850, 1873, 1876, 1891, estendendo-se para o século XX. Entre 1849 e 1850, por exemplo, estima-se que quase 91 mil pessoas tenham contraído a doença na cidade. Não por acaso, a Capital do Brasil era vista como uma cidade a ser evitada



Avenida Central (atual Rio Branco)



fez questão de mostrar a sua praia. Servia-lhe um chauffeur – titular arruinado que se entrega ao automobilismo nas garagens por falta de dinheiro. O chauffeur sabia onde ficava essa praia. Era preciso ver logo! Assim despenhamos da terrasse do moderno

Hotel. Era mais de meia-noite na noite de inverno e de luar.

– Mas é o fim do mundo.

– Não, é o Arpoador, o Ipanema.

Ao se mudar para Ipanema João também emprendia, diariamente e à semelhança do filme, uma espécie de volta para o futuro, pois, se de manhã dirigia-se ao lugar no qual a cidade havia nascido, à noite retornava à sua mais recente fronteira de ocupação. A celebrada Igreja de Nossa Senhora da Paz, na praça de mesmo nome – justamente por erguer-se naquele carismático e permanente *point* de moda –, começou a ser construída apenas em 1918 na rua 20 de Novembro, a atual e badalada Visconde de Pirajá. (Ipanema começou a afirmar seu *status*, talvez destruindo Copacabana, a reboque do sucesso planetário da canção “Garota de Ipanema”, de Vinícius de Moraes e Tom Jobim, lançada em 1962.)

Porém, o registro mais expressivo do isolamento de Ipanema naqueles tempos deu-se em 18 de julho de 1906, quando lá aconteceu o duelo entre o senador gaúcho Pinheiro Machado e Edmundo Bittencourt, fundador, em 1901, do Correio da Manhã. Duelos, por serem ilegais, deveriam ser clandestinos e realizados às escondidas, embora todos ficassem sabendo de antemão. (Sim, trata-se daquele clássico acerto de contas por questões de honra e naquele confronto Pinheiro Machado levou como padrinho o Marechal Hermes da Fonseca, que se elegeria presidente da República em 1910. O senador saiu vitorioso, mas não escapou das facadas desferidas pelo conterrâneo Manso de

Paiva no dia 8 de setembro de 1915, em evidente atentado político, no saguão do Hotel dos Estrangeiros, ponto chique da cidade. Tive oportunidade de entrevistar Manso em 1969, pela Folha da Tarde, quando me garantiu que faria tudo de novo). Naquele confronto, o senador desafiante pediu reparação pelas armas ao sentir-se ofendido pelo jornal. As informações a respeito transportam para um verdadeiro folhetim romanesco, pois o desafiante, que escolhe as armas conforme a liturgia do embate, optou pela pistola, em cujo manejo era perito. Na primeira troca de tiros, cumpridos os passos regulamentares, ambos erraram. Isto era suficiente para extinguir a querela, pois bastava a demonstração de altivez e brios, independentemente do derramamento de sangue para preservar a dignidade; nos duelos de arma branca, um simples arranhão, mesmo que na roupa, era suficiente. Pinheiro Machado viria destacar-se mais tarde como eminência parda de presidentes, particularmente de Wenceslau Brás (1915-1919), e pelas ceroulas de seda sob o terno para garantir elegância em caso de mal súbito ao ser manuseado pelo socorro.

Bittencourt já devia ser conhecido como turrão, característica que seria a sua marca pessoal. Altivamente, pediu um segundo tiro e desta vez foi gravemente ferido, mas felizmente sobreviveu, do contrário o Correio da Manhã não teria construído sua bela história. A descrição alongada desse episódio teve a finalidade de medir o distanciamento de Ipanema, pois os duelos, por serem, proibidos, davam-se em lugares ermos.

No tempo do Pasquim

É oportuno lembrar, entre nós, jornalistas, que, a rigor, Ipanema deve sua celebridade ao jornalismo carioca, auxiliado pelo momento histórico. Ainda fresca a transferência da capital para Brasília (1961), o Rio, embora continuasse sendo a retumbante caixa de ressonância do País – situação que somente iria esmaecer quando a última embaixada ou autarquia importante deixasse a cidade, nos anos 1970

João do Rio, pelos olhos dos estudantes

por estrangeiros. Em sua obra *Habitações populares*, de 1906, o escritor Everardo Beckheuser descrevia, assim, essa situação vivida na Capital Federal: “E assim reunida, aglomerada, essa gente, trabalhadores, lavadeiras, costureiras de baixa freguesia, mulheres de vida reles, entopem as ‘casas de cômodo’, velhos casarões de muitos andares, divididos e subdivididos por um sem número de tapumes de madeira, até nos vãos de telhados, entre a cobertura carcomida e o ferro carunchoso. Às vezes, nem as divisões de madeira; nada mais que sacos de aniagem, estendidos verticalmente em septo, permitindo quase a vida em comum, em uma promiscuidade de horrorizar”.

A expulsão dos pobres – Esse povo que vivia nessas condições é que foi expulso para bem longe. A demolição dos casarões, realizada sem o consentimento dos moradores ou pagamento de indenização, ia ao encontro dos objetivos da classe dominante da cidade, que pretendia, de forma autoritária, bem ao estilo da Velha República, expelir da área central a população pobre e explorada, formada, principalmente por ex-escravos e imigrantes pobres, quase

todos portugueses. Beckheuser não foi o único a descrever a cidade. O jornalista Luiz Edmundo, nos fins do século XIX, na publicação *O Rio de Janeiro dos tempos meus*, referiu-se à Capital Federal da seguinte forma: “A cidade é um monstro onde as epidemias se albergam, dançando ‘sabats’ magníficos, aldeia melancólica de prédios velhos e alçapados, a descascar pelos rebocos, vielas sórdidas cheirando mal”. Era um fortíssimo processo de gentrificação do município.

Sem as chamadas “classes perigosas”, os pobres em geral, objeto de estudo do jornalista e escritor João do Rio, expulsos para a periferia, a Capital do Brasil passaria a tornar-se “habitável” para os setores médios e altos da população. Era o processo que os moradores, por troça e raiva, batizaram de “bota abaixo”, que levou à demolição de muitos casarões. A cidade era extremamente precária e nos cortiços imundos do centro grassavam doenças como a varíola e a febre amarela.

O Morro do Castelo, na região central, seria derrubado em 1921, ano da morte de João do Rio, sob a alegação de que

prejudicava a circulação do ar e o escoamento das águas da chuva, além de abrigar somente casas velhas e miseráveis. A terra e rochas retiradas serviram para aterrar a área do futuro Aeroporto Santos Dumont, da Praça Paris e do bairro da Urca. Entre os edifícios destruídos estava o antigo Colégio dos Padres Jesuítas. Durante a demolição, foi descoberta uma rede de galerias subterrâneas sob o Morro que realimentou uma velha lenda sobre os túneis nos quais teria ficado abrigado um lendário tesouro, deixado pelos jesuítas quando de sua expulsão do Brasil, no século XVIII, pelo



Colégio dos Jesuítas no Morro do Castelo, já parcialmente demolido

**A imprensa
é o inimigo...**

**da injustiça
da desigualdade
do preconceito
do autoritarismo**

1º DE JUNHO, DIA DA IMPRENSA

A B3, a bolsa do Brasil, agradece aos profissionais e aos veículos de comunicação pelo esforço diário de construir um país mais democrático, livre e diverso.





jornalismo tão inovador quanto fora o de João do Rio e teve como acréscimo o seu enfrentamento ao regime militar e ao conservadorismo crescente, através da sátira, do humor inteligente e original. O exemplo magnífico do qual me lembro é uma entrevista em que o cantor Nelson Gonçalves, um cordato, bem-humorado e inofensivo machão, descreveu como consertara, ao amanhecer, uma infame

–, já sentia os primeiros efeitos da orfandade e da autoestima arranhada. Necessitava de uma alavanca consagradora. A principal catapulta de Ipanema, a reboque da canção, foi o semanário O Pasquim (1969/1991). A publicação apresentou um

brochada que se manifestara na primeira tentativa antes de o casal dormir frustrado: ao se perceber enrijecido no despertar, tratou de, rapidamente, cumprir a obrigação. E resumiu para O Pasquim o bom desfecho, na

frase-título da matéria, em letras garrafais: “Fui salvo pelo tesão de mijo!” (Leitores masculinos entenderão perfeitamente). À parte a graça, foi uma espécie de denúncia contra o pernicioso machismo, à semelhança de Pelé que, corajosamente, foi garoto-propaganda do Viagra na virada do século.

Há outros exemplos de intervenção jornalística no *Ipanema way of life* dos quais anoto três:

- a expressão “esquerda festiva”, originada em 1963, tem como autor o jornalista **Zuenir Ventura**;
- o sedutor ritual de aplaudir o pôr-do-sol no Posto Nove, uma espécie de coração do território, foi criado por **Carlos Leonam**, então

responsável pela coluna *Carlos Swan*, em O Globo, que durou de 1974 a 1984, sempre rodiziada por excelentes jornalistas, que era s sua característica maior. Os aplausos ao sol ganharam o mundo depois que o publicitário Roberto Duailibi usou-o num comercial de bronzeador para a televisão;

- o cronista **Carlinhos de Oliveira** (1933-1986) que, diariamente, na sua coluna no Jornal do Brasil, fazia uma espécie de irônico diário na Zona Sul com ares-verde-amarelos. Duas de suas citações possivelmente possam definir o tipo de pessoa: “Sou brasileiro por fatalidade, temperamento e vocação”; “Sou o mais ecumênico dos ateus”. (Naquela época o Ecumenismo estava na moda, pois era uma das palavras mais utilizadas na pregação do *Concílio Vaticano II*, realizado em 1962, que reformulou princípios milenares da Igreja Católica).

Pode ser que naquela sua última quinta-feira, 23 de junho, João do Rio tivesse ido almoçar, ou jantar, no Bar Adolf, na rua da Carioca, 105, próximo de A Pátria. Hoje, no mesmo lugar, a casa atende pelo nome de Bar Luiz, habitual frequentadora das listas gastronômicas da cidade, devido à excelência do chope, que se sobrepõe às iguarias alemãs. Ao par das virtudes gastronômicas, sua difusão inicial teve um curioso marketing: Adolf, o proprietário, numa demonstração de ilimitada autoconfiança, desafiava clientes a disputar queda de braço, cujo prêmio consistia na quantidade de chopes que seu vencedor conseguisse beber. Em princípio, o espírito combativo que acompanhou João do Rio ao longo da vida, o faria aceitar o repto, se o hipotireoidismo e a obesidade decorrente, e o mau preparo físico, não o impedissem. De qualquer modo, o Bar do Adolf lhe foi um eficiente ponto estratégico para praticar sua ocupação favorita, que era de observar a cidade, melhor dizendo, a vida efervescendo nas ruas. Este tema, como já foi dito, iria orientar a sua vasta, original e interessante produção jornalístico-literária. Neste cenário, por associação de ideias, é de supor que a rua do Hospício, onde nasceu, no número 284, ali

João do Rio, pelos olhos dos estudantes

Marquês de Pombal. O tal tesouro jamais foi encontrado.

A ocupação dos morros – Começava, ao mesmo tempo, em uma cidade traumatizada pela *Revolta da Vacina*, em 1904 – quando houve a imunização obrigatória da população por ordem de Oswaldo Cruz –, a ocupação dos morros pelos excluídos em geral, em um processo de criação das favelas. Parte desses deserdados que ocuparam os morros eram antigos soldados do Exército que participaram da destruição do arraial de Canudos, na Bahia, entre 1896 e 1897, e ex-escravos. Os soldados que combateram os sertanejos na vila de Antônio Conselheiro haviam ocupado o Morro da Favela, ao lado da antiga povoação, e transferiram esse olhar para o Rio. Por isso, passaram a ser conhecidas como favelas as ocupações precárias, quase sempre de madeira, que construíram nas escarpas dos morros, únicos lugares que poderiam habitar. A expressão favela, na verdade, remete a um arbusto da família das eufobiárcias, a *chidoscolus quercifolius*, que havia em abundância no Norte da Bahia. Ao ocupar

os morros, os excluídos – trabalhadores do porto, soldados rasos desempregados, prostitutas, rufiões, malandros, imigrantes e pobres em geral – pareciam enxergar no novo Rio uma reedição de Canudos, sem messianismo e sem Conselheiro. O governo desmobilizou o enorme exército que havia formado para combater os “fanáticos” e não pagou à maior parte dos soldados, que, sem outra saída, ocuparam as colinas ao lado da cidade.

O Morro da Providência, bem ao lado da região central, no bairro da Gamboa, assim como o Morro da Saúde, seriam os primeiros a serem ocupados, constituindo-se nas primeiras favelas brasileiras. Finalmente, os mais pobres encontravam o lugar que lhes era reservado na transformação urbana e sanitária da Capital: os mais precários e distantes, separados dos ricos por uma cerca invisível de medo e ódio, que se solidificaria a cada dia. Era uma espécie de *apartheid* à brasileira, sem legislação nem institucionalização, mas ainda assim seguido à risca pelos envolvidos. Na sequência, o Morro da Babilônia, entre a Praia

Vermelha e a Praia do Leme, também seria ocupado pela população, agora cada vez mais negra e pobre. Em 1920, seria a vez do Morro do Salgueiro, na zona norte, chamado assim pelo fato de o comerciante português Domingos Alves Salgueiro ser dono de trinta barracos na região, ocupada por ex-escravos e migrantes. Ainda nessa época, a população começou a chamar a região do Alto da Gávea de “rocinha”, em referência às numerosas roças do local, que abasteciam a feira da praça Santos Dumont e hoje se constituem num complexo de favelas.

Edifícios muito importantes para a história da Capital seriam inaugurados por essa época, como a Igreja da Candelária, em 1901, o Pavilhão Mourisco, em 1904, no mesmo ano em que chegava à Capital Federal a empresa canadense-inglesa The Rio de Janeiro Light and Power, a Light, chamada pelos moradores de “polvo canadense”. Até então, os bondes eram puxados por burros. Havia sido fundado, por Oscar Cox, o Fluminense Football Club, o primeiro time da cidade, e o prefeito Pereira Passos

Agricultura Transporte Construção Energia



Onde tem

DESENVOLVIMENTO,
tem a nossa marca.

A CNH Industrial é uma das líderes globais do setor de bens de capital e referência mundial nos segmentos essenciais ao desenvolvimento socioeconômico do Brasil: Agricultura, Transporte, Construção e Energia. Líder nos índices Dow Jones de Sustentabilidade do mundo e da Europa, é também uma das 10 empresas mais inovadoras do Brasil e foi recentemente certificada como uma excelente empresa para trabalhar no Brasil e na Argentina pelo Great Place to Work. CNH Industrial, sinônimo de produtividade, inovação e competitividade.

AGRICULTURA | TRANSPORTE | CONSTRUÇÃO | ENERGIA





no centro do Rio, tenha sido sua primeira exploração. Hoje, sob o nome de rua Buenos Aires, e dotada de inúmeras travessas, ainda faz lembrar o traçado colonial, entre a tua 1º de Março e a praça da República.

Ao contrário do que se possa imaginar, o nome Hospício não fora inspirado num estabelecimento para alienados que abrigasse algum Simão Bacamarte, pois naqueles tempos a palavra também designava hospitais e albergues sociais.



Bar Luiz, antigo Bar Adolf, ponto de João do Rio

Mas provavelmente seu comércio diferenciado deve tê-la tornado popular. Ali funcionava, segundo registros de 1860, a empresa Mesquita & Moreira – Materiais Fecais. Dedicava-se a limpar latrinas e urinóis e esta última atividade indica, por razões óbvias, que a operação, por urgente, era diária e que a empresa devia ter clientes cadastrados, como o leiteiro ou o padeiro, conforme os costumes antigos. O material arrecadado era lançado no mar. Porém, também havia residências em que esse trabalho era feito por escravos domésticos. Ao transportar os barris, não raramente escorriam líquidos, cuja acidez, ou coisa parecida, marcavam a pele sob efeito do sol, produzindo o apelido de tigras, que é autoexplicativo. Essa espécie de horror somente come-

çaria a ser eliminada entre 1863/64, quando a inglesa The Rio de Janeiro City, construiu três distritos sanitários – que, aliás, foram inaugurados por Dom Pedro II. Até então, quem não tinha serviços atirava a produção na rua, sem cerimônias. Mas é justo esclarecer que não se tratava de uma exclusividade do Rio de Janeiro que, salvo engano, foi a terceira cidade do mundo a ter coleta de esgoto. Na sofisticada Paris há registro de que, a cada manhã, ouvia-se o grito ameaçador “água!”, saindo por alguma janela, avisando quem passasse sobre o despejo iminente dos penicos.

A rua do Hospício também possuía um estabelecimento intitulado Mútua, que vendia seguros de vida para escravos, cujo prêmio em caso de acidente ou morte, evidentemente, caberia ao proprietário. É possível que João do Rio, nascido em 1881, possa tê-lo conhecido, pois o setor devia ser florescente durante a escravidão. Na verdade, um escravo não era produto barato. Aqueles que tinham aptidões, tipo culinária ou artesanato, particularmente ourivesaria, valiam mais – algo superior a 100 mil reais em tosca avaliação para os dias de hoje. Era um investimento de feliz retorno, pois os cativos “especialistas” faziam e vendiam seus produtos em troca de roupa pouca e barata, comida de segunda e enxerga [NdaR: colchão rústico, geralmente de palha]. Por isso, o contingente de cativos, ao contrário do imaginado, não era próprio da casa grande e senzala; também se distribuía entre proprietários de duas ou três peças. (Os livros *Escravidão*, de **Laurentino Gomes**, e *História da Riqueza no Brasil*, de **Jorge Caldeira**, são excelentes fontes para aprofundamento).



Rua do Hospício, atual Buenos Aires, onde João nasceu

João do Rio, pelos olhos dos estudantes

havia inaugurado, em um mirante na Floresta da Tijuca, a Vista Chinesa, projeto de Luís Rei. Em 1909, seria a vez do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, inspirado no Ópera Garnier, de Paris, e do Mercado Municipal, em substituição ao antigo Mercado da Candelária. O início da década ainda veria a inauguração da Biblioteca Nacional, em 1909, em um projeto de Francisco Marcelino Souza Aguiar.

Em 1911, o Convento da Ajuda, um con-

junto de prédios coloniais, foi demolido para dar lugar à Cinelândia, no Centro, local de grande concentração de salas de cinema. Somente o Chafariz das Saracuras, que ficava dentro do local, foi poupado e transferido para a Praça Ferreira Viana, no bairro do Ipanema. No mesmo ano, seria inaugurado o palacete na rua General Severiano, em Botafogo, que serviria de sede para o Botafogo Football Club. A rua da Assembleia recebeu a filial do *magazin* Mestré & Blatgé, de Paris, que se tornou o principal magazine da cidade.

Surgem os símbolos cariocas – Em 27 de outubro de 1912, a cidade ganharia um dos seus maiores marcos: o caminho aéreo do Pão de Açúcar, obra liderada pelo engenheiro brasileiro Augusto Ferreira Gomes. O plano inicial era maior do que o atual traçado e previa três linhas do teleférico: uma ligando a Praia Vermelha à Praia da Urca, a segunda ligando o Morro da Urca ao Morro Pão de Açúcar e a terceira ligando o Morro da Urca ao Morro da Babilônia. Somente se concretizaram, no entanto, as duas primeiras linhas. Foi o primeiro

teleférico do Brasil e o terceiro do mundo. Ao mesmo tempo era fundado, no bairro do Catete, o rancho de carnaval *Ameno Resedá*, que seria o precursor do futuro desfile de escolas de samba da cidade. Quatro anos depois, em 1916, seria gravado o primeiro samba da história, *Pelo telefone*, de autoria de Donga e Mauro de Almeida. Assim como Pixinguinha, Sinhô, João da Baiana e outros músicos famosos, os dois também frequentavam a casa de Tia Ciata, na Praça 11 de Junho, onde surgiu o samba carioca, fortemente influenciado pela Bahia. O lugar também era frequentado por João do Rio.

A antiga Igreja de São Sebastião, que já havia sido a catedral da cidade, cedeu seu título para um novo templo, com o mesmo nome, que seria inaugurado em 1931, na rua Haddock Lobo, na Tijuca. Administrada pelos padres capuchinhos, a nova igreja, em estilo neobizantino, passou a abrigar dois marcos importantíssimos da Capital que estavam na antiga igreja: o marco de fundação da cidade e a lápide do túmulo de Estácio de Sá, um de seus fundadores.



O Convento da Ajuda, tendo à frente o Chafariz das Saracuras

1º DE JUNHO
DIA DA IMPRENSA

Juntos pela informação de qualidade

A **CTG Brasil**, uma das líderes em geração de energia limpa no País, parabeniza todos os profissionais de Imprensa e reforça seu compromisso com a sociedade, integrando movimentos de combate à desinformação e *fake news*.



NOVA MCP

Fotógrafo: Feralberto Ramos

MAIS QUE
ENERGIA.
**ENERGIA
LIMPA.**



Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega, para defender a arquitetura que remetia à arquitetura colonial, então ameaçada. Naquele formigueiro humano de compradores que se concentra diariamente ali, João do Rio iria encontrar farto material para escrever sobre seu tema predileto – rua e gente.

Nessa altura, 1915, o Rio chegava ao seu primeiro milhão de habitantes e João do Rio era um nome consagrado e imortal da Academia Brasileira de Letras. A julgar pela origem modesta e uma trajetória cuidadosamente construída, apenas um fato explica o acesso a tal patamar, associado aos atributos pessoais que nem sempre são decisórios: foi bem conduzido pelo pai, Alfredo Coelho Barreto. Deve ter lido os livros adequados no momento certo, conforme orientaria um bom professor, como, aliás, era Alfredo, que somava a profissão ao zelo paterno.

Portanto, o Colégio São Bento aguardava seu filho.

No caminho de São Bento

Neste caso é necessário resgatar a memória dos beneditinos no Rio de Janeiro. Chegaram à cidade em 1590, expandindo a ordem sediada na Bahia, erguendo o mosteiro e seus anexos, que permanecem no lugar de sempre, a atual rua Dom Gerardo, no centro, rumo ao quinto século.

Quem estudou em colégio religioso, prática que está caindo gradativamente em desuso, devia sentir-se credor do Paraíso, tal era a

fatura de orações e recebimento de hóstia. Minha experiência resume-se à quase secreta Ordem dos Cônegos Premonstratense de São Norberto, originária da Alemanha e baseada hoje na Bélgica. Seus membros são chamados de cônegos brancos devido à cor do hábito, à

semelhança dos dominicanos. Contudo deveria haver alguma similaridade com os beneditinos nos usos e costumes conventuais. Os cônegos brancos estabeleciam, por exemplo, cinco ave-marias diárias, uma para cada início de aula, somadas à hóstia semanal, cujo maior obstáculo era o de garimpar pecados para relatar, ou descrever, uma vez que o confessor interessava-se por detalhes durante a necessária confissão precedente, a fim de programar a penitência. Porém, é de imaginar que no Colégio São Bento as exigências fossem mais amplas, ou diversificadas, considerando a experiência da congregação beneditina em lidar com almas de fiéis. Trata-se da ordem pioneira, criada por São Bento (480-547) na região de Monte Cassino, Itália, no ano de 529. (Bento era irmão gêmeo de Santa Escolástica. Esta afinidade vocacional sob o mesmo teto tem um paralelo de forte empatia entre nós com a família Arns, enraizada em Forquilha/SC, cerca de 20 mil habitantes. Desse lugar pequenino vieram ao mundo seis irmãos religiosos, dos quais Dom Paulo Evaristo e Dona Zilda são os mais conhecidos; duas freiras e um frei completam o grupo franciscano.) A compartida dos colégios católicos à compul-



Colégio de São Bento – Vista frontal da igreja com prédio do antigo colégio à esquerda, onde João estudou; foi inaugurado em 1904 e demolido na década de 1970

João do Rio, pelos olhos dos estudantes

Foi nesse Rio, bem diferente do que conhecemos hoje, que João do Rio, com sua invulgar sensibilidade, escreveu diversas crônicas em que destacava o homem comum, o homem das ruas, que homenageia em sua obra, a exemplo dos poemas do livro *A alma encantadora das ruas*, em especial em *A rua* que podemos ler a seguir:

Eu amo a rua. Esse sentimento de na-

tureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós.

Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor

da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia – o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua (...)

A belle époque brasileira e João do Rio

Escritores e artistas buscaram dar cor ao período na Capital Federal

O Brasil vivia uma época promissora, de grandes pensadores, no início do Século XX. Após a Proclamação da República, jornalistas, artistas, escritores e filósofos viviam um período de grandes mudanças. O País, antes controlado pela corte portuguesa, agora precisava organizar seu novo sistema governamental, econômico e social.

No Rio de Janeiro, o jornalismo, que até então era centrado em pequenos

negócios, abria espaço para a grande imprensa. Escritores contavam histórias de personagens que viviam dentro de pequenas comunidades cariocas. Na arte, o modernismo tentava romper com tradições e fazer a sociedade questionar-se sobre a realidade vivida.

Nesse período, artistas, jornalistas e escritores cariocas mudaram a cena da época e deixaram sua marca na história não só no Rio de Janeiro, mas no País.

Paula Prata

Um dos maiores exemplos foi um dos fundadores de O Globo, Quintino Bocaiuva. O jornalista, que criticava abertamente a monarquia em seus textos, também teve uma carreira diplomática célebre, com marcos como a assinatura do *Tratado de Montevideu*, de 1890 (acordo que definiu as fronteiras entre Brasil e Argentina ao resolver a questão de Palmas).

Nomes importantes para a literatura brasileira deram seus primeiros passos nesse

A raiz de uma das maiores produtoras de aço do mundo está no sonho de uma família empreendedora. Em 1901, a família Gerdau plantou uma fábrica de pregos em Porto Alegre (RS). Enquanto a empresa crescia, ela foi se entrelaçando com a vida das pessoas. Com a sua vida.

Passando pela casa onde você mora, pelo carro que você dirige, pelas pontes por onde você passa, pelo lugar onde você trabalha. Tornando visível tudo aquilo que realmente importa para você. Não é só sobre aço que estamos falando: é sobre acolher, mover, aproximar, realizar.

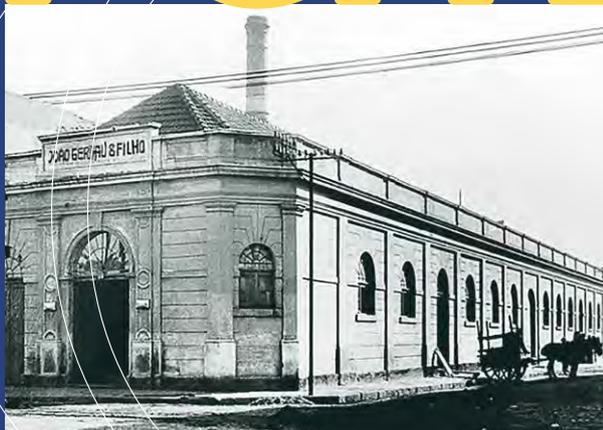
Aos 120 anos, a Gerdau é uma árvore que não para de dar frutos. Além de maior empresa brasileira produtora de aço, é também a maior recicladora da América Latina: 73% da sua produção vem daí. Mas ela quer aproveitar essa data não apenas para celebrar o seu legado, e sim para reafirmar o seu compromisso com o futuro.

A Gerdau está regando hoje mesmo o amanhã de questões urgentes como educação, habitação, sustentabilidade e empreendedorismo. Porque tão importante quanto o que colhemos são as sementes que deixamos para o futuro.



Colaboradora Juliana Brun, da Gerdau Osiqua, no Rio de Janeiro, representando nossos mais de 30 mil colaboradores em 10 países.

raízes



Fábrica de Pregos Pontas de Paris, da Gerdau, em 1901.



sória carga santificadora sobre os alunos é o empenho semelhante para dar-lhes formação humanística. Entre os premonstratenses essa preocupação era aplicada inclusive na hora de castigar. Uma das punições mais frequentes consistia em fazer o estudante

copiar páginas de textos clássicos, cuja quantidade era proporcional ao erro cometido, tipo 30 páginas do Dom Quixote, de Cervantes.

João do Rio não fugiu daquele destino humanístico, até porque a educação é cláusula pétrea nas regras criadas por São Bento, que, aliás, serviram de modelo para as ordens posteriores. (As virtudes essenciais estão resumidas no seu lema: *Ora et labora*). A boa formação cultural dos beneditinos, sejam religiosos ou leigos, salta à vista nas suas obras e procedimentos. Neste capítulo, um dos traços que chamam a atenção na sua biografia, ao que se saiba, é a ausência dos previsíveis escândalos face à sua homossexualidade associada à notoriedade, algo comum numa época em que a repressão era superiormente feroz. No entanto, há apenas indícios de que teria frequentado a praça Tiradentes à noite, então ponto de encontros clandestinos. (Os colégios religiosos têm o benefício de introduzir a disciplina e a moderação nos seus estudantes, até porque essas virtudes fazem parte do cotidiano das ordens. Naquilo que diz respeito aos beneditinos, o almoço, sempre coletivo, é uma excelente referência de parcimônia e mútua simplicidade. Consta de um breve serviço religioso oficiado na igreja do mosteiro. Em seguida todos se dirigem ao refeitório. Não se pode conversar durante a refeição e a atenção fica concentrada na leitura de alguma obra significativamente proveitosa, lida em capítulos por um dos seus pares. A comida é feita e servida por monges que se revezam e que colocam o vestuário de serviço sobre o hábito negro. O almoço, a bordo de três carrinhos –

entrada, prato quente e sobremesa – passa apenas uma vez, obstando a repetição. O abade come em separado, num estrado.)

O Colégio de São Bento carioca, criado em 1858, caracterizou-se, desde o início, em um centro de ensino por excelência. Vem mantendo essa marca na linha do tempo, pois tem sido um dos campeões nas provas do Enem. Desse modo, é natural que exiba uma lista centenária de alunos ilustres. Nesse quesito basta lembrar do referido Benjamin Constant, do escritor Augusto Frederico Schmidt, o jurista Clóvis Bevilacqua, o compositor Heitor Villa-Lobos, Jô Soares, o ator Procópio Ferreira...

Tradicionalmente, as anuidades cobradas não são baratas – a média atual é de 12 cotas ao valor de quatro mil reais. Mas a presença de João do Rio ali, assim como a de Alfredo da Rocha Vianna, o nosso Pixinguinha – rapazes sem maiores posses –, pode ser explicada pela concessão de bolsas a meninos menos favorecidos. (Noel Rosa também estudou lá, mas consta que a família era de confortável classe média e que o apito da fábrica que vem ferir os ouvidos era de um parente).

A exclusiva predominância masculina sinaliza que a escola somente aceita meninos; aliás, até 1960, professoras não eram admitidas. A menção dos dois bolsistas confirma a qualidade do aprendizado em aperfeiçoar talentos, quaisquer que fossem, pois seria pouco crível que três gênios musicais daquele calibre tenham caído acidentalmente num mesmo lugar, mais ou menos na mesma faixa de tempo, na virada do século. (O caso de Pixinguinha é exemplar. Vindo de uma família de 14 filhos, sim, 14 filhos, sua obra, embora de cor popular, tem estruturas harmônicas refinadíssimas. Nesse sentido, os entendidos citam o choro *1 X 0*, de 1946, um verdadeiro modelo de construção musical. Noel também é uma oportuna confirmação do apuro técnico-musical, com o samba *Último Desejo*, de 1937, no qual concebeu três sextilhas perfeitas na levada e harmonização das rimas. Os entendidos também citam *Gago Apaixonado*, de 1930, cujos efeitos

João do Rio, pelos olhos dos estudantes

período. Olavo Bilac, por exemplo, dedicou seus anos de vida à poesia e ao jornalismo. Olavo, enquanto poeta, criticava abertamente o jornalismo da época. Segundo ele, jornalistas com ideias originais eram tomados por ideias banais que eram “vendidas” no jornal diário. Bilac descreveria futuramente sua geração de jornalistas como aquela que mudou a forma como o jornalismo era até então tratado: “A minha geração, se não teve outro mérito, teve este, que não foi pequeno: desbravou o caminho, fez da imprensa literária uma profissão remunerada, impôs o trabalho”.

Ao lado de Olavo Bilac, temos o também escritor Lima Barreto, igualmente muito atuante na época. Ao contrário do colega, Lima Barreto não teve uma estreia boa e não foi tão bem aceito pela sociedade de então, após sua primeira obra, *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, de 1909. Barreto recebeu apenas silêncio de jornais e de pensadores. No livro, ele critica de forma recorrente a imprensa da época e retrata em seus livros as classes populares.

O escritor encontra através das palavras uma forma de se rebelar contra tudo o que o incomodava na política, imprensa e sociedade do período.

Escritores como Olavo Bilac, Lima Barreto e até mesmo João do Rio ajudaram a caracterizar a sociedade carioca nesse período de evolução no País. Os escritores expunham a luta e o preconceito sofrido pelas classes populares e a influência da posição de poder da classe burguesa dentro do sistema social da época. Seus escritos também nos mostram como desde

sempre o jornalismo e a literatura tiveram papéis importantíssimos na compreensão da realidade e no progresso social, político e econômico de um povo.

O modernismo – Apesar de os maiores destaques da época estarem na escrita, o âmbito artístico vivia um momento importante. O movimento modernista rompia com o tradicionalismo e livrava-se dos paradigmas e das regras de como fazer arte até então. Um dos grandes nomes brasileiros desse período é o da pintora Tarsila do Amaral.

Quando falamos de artistas cariocas do século XX, Di Cavalcanti é o primeiro que vem à mente. O artista, conhecido por seu posicionamento anarquista, teve como influência em suas obras nomes como o espanhol Pablo Picasso e o mexicano Diego Rivera. Di tinha como principal objetivo construir uma identidade nacional, por isso suas obras são cheias de cores e retratam os operários, o carnaval, as favelas e as mulatas. O artista foi também responsável pela *Semana de Arte Moderna*, principal



Olavo Bilac

Lima Barreto



Juntos fazemos a diferença

Indispensável para a sociedade, o trabalho da imprensa tem sido fundamental sobretudo na divulgação científica e no apoio à prevenção da Covid-19.

No dia 1º de Junho, celebramos o trabalho da imprensa na luta contra a desinformação, compartilhando diariamente os avanços e oportunidades de indústrias que fazem a diferença na construção de um futuro mais viável.

 hydro.com/brasil

 [@hydronobrasil](https://www.facebook.com/hydronobrasil)

 Norsk Hydro

 [@hydronobrasil](https://www.instagram.com/hydronobrasil)



Indústrias que fazem a diferença



Aos 15 anos, portanto em torno de 1896, João do Rio tinha o Colégio Dom Pedro II à sua espera. (Na verdade, devido à Proclamação da República, a escola teve o nome trocado para Ginásio Nacional a fim de apagar a origem monarquista; mas voltaria à antiga denominação tempos depois, quando o trono sequer era uma pálida ameaça).

A escola foi criada propositadamente no dia 2 de dezembro de 1837, aniversário do nosso príncipe herdeiro, que estava completando 12 anos. A decisão partiu de Pedro de Araújo Lima (1793-1870), o Marquês de Olinda, então regente do trono.



Colégio Dom Pedro II, onde João do Rio também estudou

sonoros associados à forma de expressão dos gagos antecipou o experimentalismo na música popular e fazia as delícias de Mário de Andrade, naturalmente sem qualquer caráter pejorativo, cuja opinião no terreno da cultura popular ganhou ares de dogma.

A escola fez parte daquele que talvez tenha sido nosso primeiro projeto ambicioso de estado civilizatório apontado para o futuro, pois tinha a finalidade de formar quadros para servir a uma burocracia pública inteligente, no sentido de fazê-lo funcionar com eficiência. O seu estatuto determinava que devia atender a "elites e destituídos"

na busca de cérebros privilegiados para servir aos interesses nacionais. Naturalmente, tais intenções pediam um ensino de primeira linha e, a julgar pelo corpo de professores no decorrer do tempo, o objetivo foi atingido. Nos seus primeiros tempos alinham-se nomes como o Barão do Rio Branco, Euclides da Cunha, Joaquim Manuel de Macedo, obedecendo a uma linha permanente de qualidade. Embora não haja referências oficiais a respeito, é de suspeitar que o Colégio do Pedro II tenha sido inspirado no Eton College, situado a uma hora de Londres, próximo ao Castelo Windsor. Criado pelo rei Henrique VI em 1440, também nasceu com o propósito de formar cabeças pensantes para o Reino Unido. Não por acaso, a realeza britânica e 19 primeiros-ministros britânicos passaram pelos seus bancos, inclusive o atual, Boris Johnson.

A respeitabilidade pedagógica do Colégio Dom Pedro II pode ser avaliada pelo peso do seu diploma. Dava acesso ao ensino superior. Portanto, na virada do século, João do Rio estava devidamente apetrechado para iniciar sua obra jornalístico-literária.

O foca faz sua estreia

A primeira incursão de João do Rio no jornalismo, ainda sem chegar aos 18 anos, ocorreu em A Tribuna, de Alcindo Guanabara (1865-1918). Alcindo já era um nome conhecido no País; mais tarde ganharia amplo protagonismo político como deputado federal, senador e constituinte de 1891 – primeira Constituição republicana. Cerca de dez anos depois desse encontro, ambos estariam sentados lado a lado na Academia Brasileira de Letras, da qual Guanabara foi um dos fundadores, em 1897. Aliás, esse ano lhe deve ter sido marcante, pois envolve dois outros significativos episódios da sua vida: a própria fundação do jornal, imediatamente após a sua chegada da Ilha de Fernando de Noronha, onde passara por breve período de prisão associada ao atentado contra o presidente Prudente de Moraes. (O episódio é pouco conhecido. Sua apresentação no site da ABL apenas o men-

João do Rio, pelos olhos dos estudantes

evento artístico brasileiro, realizado em São Paulo em 1922. Sobre suas obras, o crítico Luís Martin escreveu: "Sua arte é aceita e admirada em todas as camadas da sociedade,

de, desde os meios da alta burguesia, que adquire seus quadros, ao homem do povo, que contempla os seus murais".

Já Heitor Villa-Lobos procurava caracterizar a cultura brasileira regional através da música. O maestro teve seu amadurecimento musical depois de uma série de viagens ao interior do Brasil entre 1905 e 1912. O conhecimento regional influencia diretamente sua obra

ao retornar para o Rio de Janeiro vindo da Europa, em 1913.

Quando analisamos artistas, jornalistas e escritores desse período, percebemos um esforço da parte de cada um deles para a construção da identidade da sociedade carioca. Também vemos em suas obras claras críticas sociais e políticas com o objetivo de demandar as melhorias necessárias para a parcela mais pobre da sociedade, que pouco tinha visibilidade na imprensa. Os artistas e jornalistas esforçavam-se para dar vislumbre para o verdadeiro Rio de Janeiro, esse que era tanto ignorado pela parcela poderosa da sociedade.



Di Cavalcanti

QUARTO PODER.

PRIMEIRA NECESSIDADE.

AMOR É



De todas as **formas.**

Diversidade e respeito
fazem parte do nosso DNA.
É por isso que a TIM
reforça que imaginar
as possibilidades é um direito
de todas as pessoas.

#ImagineAsPossibilidades de ser você





1897, em que o presidente fora receber tropas vindas da recém-encerrada e vitoriosa campanha da *Guerra de Canudos*. Partiu do soldado Marcelino Bispo Miranda, do 10º Batalhão de Infantaria, que estava de serviço, circunstância que sugere premeditação. Utilizou um punhal e foi interceptado pelo ministro da Guerra, Marechal Carlos



Alcindo Guanabara, descobridor de João do Rio

Machado de Bittencourt, que recebeu vários golpes fatais. Tudo indica que o atentado teve a ver com a crueldade aplicada aos revoltosos já derrotados, verdadeiras execuções sumárias nas últimas semanas de confronto. Nessa altura já era conhecida em todo País a prática da "gravata vermelha", que era a degola de prisioneiros e refugiados. Convém lembrar que o marechal Bittencourt era o responsável pelas operações do *front*. O soldado Marcelino foi encontrado morto, por enforcamento, na cela em que aguardava o fim do inquérito e posterior julgamento.)

Portanto, João do Rio fez sua estreia em *A Tribuna* no dia 1 de junho de 1899, quinta-feira, com uma crítica-comentário sobre a peça *Casa de*

Bonecas, do dinamarquês Ibsen. A escolha era coerente com seus anseios vanguardistas, pois o texto do dinamarquês, desnudando as hipocrisias e artificialidades do modelo matrimonial, defendia a emancipação feminina. Fazia sentido, pois a peça, desde maio, estava sendo levada no Teatro Santana, na praça Tiradentes, prenunciando a mesma reação furiosa dos conservadores nos palcos europeus. (Posteriormente o teatro ganhou o nome de Carlos Gomes e hoje pertence à Prefeitura do Rio.)

Sem dúvida, o experiente Alcindo Guanabara, do alto de sua barba espessa e quadrada, que descia peito abaixo, percebeu as boas luzes daquele rapaz sem cerimônias, que estava chegando aos 18 anos. Outros redatores-chefes o imitaram, pois nos três anos seguintes o rapaz, com sucesso, ficou perambulando pelas redações do Rio. Colaborou com várias publicações, entre elas *O Paiz*, de 1884, que, nos primeiros anos teve a direção de Ruy Barbosa, e *A Cidade do Rio*, dirigido pelo abolicionista José do Patrocínio. (Fiel aos seus princípios libertários, o jornal fazia confronto aberto ao autoritarismo do marechal Floriano Peixoto, presidente da República entre 1891 e 1893. José do Patrocínio foi inclusive preso e confinado em Cucuí, no Alto Amazonas, como fez o regime militar com Jânio Quadros e o jornalista Hélio Fernandes em fins dos anos 1960, respectivamente em Corumbá e Fernando de Noronha).

Em 1903 João se fixaria na *Gazeta de Notícias*, até 1915; ali viveu seus melhores anos e produziu o melhor conteúdo de sua obra. Iria inclusive afiar sua língua para distribuir alfinetadas. (Casimiro de Abreu: *Baboseiras em mau Português*. José de Alencar: *Finge ser original*. Joaquim Manuel de Macedo: *Literatura de boudoir*).

A *Gazeta de Notícias*, criada em 1875 por José Ferreira de Souza Araújo, iria sacudir a modorrenta imprensa brasileira. O Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas é pródigo em elogiar seu vanguardismo jornalístico e o pioneirismo tecnológico. Em 1879 já usava rotativa, adotava o uso de caricaturas e de clichê

João do Rio, pelos olhos dos estudantes

Uma breve linha do tempo

A vida movimentada de João do Rio

1881 – João do Rio nasce no Rio de Janeiro, no dia 5 de agosto, uma quinta-feira

1899 – Aos 18 anos estava entre os colaboradores do jornal *Cidade do Rio*, ao lado de José do Patrocínio, escritor abolicionista, tornando-se um dos primeiros jornalistas brasileiros a ter o senso moderno de reportagem, ou seja, a praticar a entrevista ao vivo, gastando sola de sapato

1904 – Em 22 de abril, começa sua primeira série de reportagens investigativas nomeada *As religiões do Rio*. Além de ser um marco para o novo jornalismo, também era de cunho antropológico e sociológico

1906 – Começa a escrever seu segundo livro, *O momento literário*, que se tornou uma das melhores fontes do movimento literário brasileiro no início do século XX; a obra foi encerrada em 1908

1910 – João do Rio é eleito no dia 7 de maio para a Academia Brasileira de Letras (ABL) em sua terceira tentativa. Tomou posse em 12 de agosto, ocupando a cadeira de número 26, sucedendo ao fundador Guimarães Passos

1912 – Em 22 de outubro teve êxito em sua peça teatral *A bela madame Vargas*, exibida no Theatro Municipal. Um ano mais tarde, a mesma peça foi encenada em Lisboa

1917 – Torna-se diretor da Sociedade Brasileira dos Autores Teatrais. No mesmo ano, escreve a crônica *Praia Maravilhosa*, em que exalta a beleza da praia de Ipanema

1920 – Cria o jornal *A Pátria* (ironicamente chamada de *A Mãtria*), com o intuito de defender os interesses de pescadores *poveiros*, ou seja, naturais de

Stefany Lima

Póvoa de Varzim, Portugal, que estavam sofrendo repressão por parte do governo brasileiro. Havia uma lei de caráter nacionalista que previa que a pesca só poderia ser exercida por brasileiros

1921 – Morre em 23 de junho, vítima de um enfarte fulminante, dentro de um táxi, a caminho do jornal

1993 – Décadas depois de sua morte, com seu verdadeiro nome, Paulo Barreto, é eleito para a Academia Irajense de Letras e Artes, de Irajá, ocupando a cadeira de número 36, antes ocupada pelo escritor e poeta acadêmico Agostinho Rodrigues





Como combater o racismo

Essa foi uma das perguntas mais buscadas no Google em 2020. Nos perguntamos a mesma coisa. Mas como ir além para contribuir e promover uma **mudança** real?

EDUCAÇÃO E INFORMAÇÃO SÃO O PRIMEIRO PASSO.

Neste Dia da Imprensa, queremos agradecer aos profissionais que abrem caminhos para a **mudança** por meio da disseminação da **informação**.

Acesse t.uber.com/racismo e saiba mais sobre como a Uber tem desenvolvido, junto com um time de especialistas, conteúdos exclusivos sobre o tema.

Uber



para reproduzir imagens, e em 1880 disseminou a publicação de folhetins, cujo ápice seria a publicação de *O Ateneu*, de Raul Pompeia, nesse formato, em 1888. Também se dava ao luxo de editar o suplemento *Le Brésil Économique*, em Francês, que

era então o idioma do mundo. Porém, não há referência ao linotipo, inventado pelo alemão Ottmar Mergenthaler, em 1884. Os registros também fazem menção a uma espécie de manual de redação orientando técnicas de entrevistar. Porém, o mais espetacular salto para o futuro foi o pleito para a construção de uma ponte Rio-Niterói na sua edição de 24 de abril de 1876, uma quarta-feira. A ponte somente seria inaugurada em 4 de março de 1974, uma segunda-feira, 98 anos depois.



Não por acaso, João do Rio integrou-se perfeitamente nesse ambiente de mútua empatia. Não foi coincidência, portanto, que seu pseudônimo floresceu com vigor. A estreia deu-se na edição de 26 de novembro de 1903, uma segunda-feira, quando ele praticamente aposentou o longo nome de João Paulo Emilio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, quase tão heráldico quanto o do imperador Dom Pedro II, que carregava 17 denominações. Em todo caso, naquela época, bem mais do que hoje, era de praxe que jornalistas usassem pseudônimos. Era uma questão de moda, mas também de subterfúgio para escrever com mais liberdade. O próprio João do Rio tinha vários; o primeiro dele foi Claude, imitando o escritor francês Émile "J'Accuse" Zola, que ele admirava. (Talvez, na imprensa brasileira, em termos de popularidade, o pseudônimo João do Rio somente tenha sido superado pelo gaúcho Apparício Fernando de Brinkernoff Torelly (1895-1971), que se camuflava atrás do Barão de Itararé. Seria contemporâneo de João, se João não tivesse partido tão cedo).

É possível que a Gazeta de Notícias passe a ideia de que a nossa imprensa estivesse na ponta da vanguarda. Mas não era bem assim; nossas publicações não marchavam com a contemporaneidade da Europa e, principalmente, da florescente democracia norte-americana naquela virada de século. Enquanto os jornais americanos já faziam primeiras páginas com chamadas por volta de 1900, os nossos jornais eram caudalosamente doutrinários e claramente destinados à elite face ao analfabetismo, e essa circunstância se traduzia na sua apresentação articular: longos artigos de alto a baixo, cujos textos, os chamados artigos de fundo, recendiam a rompantes literários e de erudição. O uso da manchete, por exemplo, sequer era imaginado. A aplicação da pirâmide invertida nos textos, que originou o lide, já utilizada principalmente pela imprensa da América, também era praticamente ignorada aqui. (Quem quiser saber mais tem à disposição uma interessante tese de mestrado de Adriana Barsotti na PUC do Rio). Porém, é justo reconhecer que a técnica somente iria se conso-

João do Rio, pelos olhos dos estudantes

João do Rio e a afirmação de africanidade, diversidade e homossexualismo

O jornalista foi pioneiro em questões polêmicas para a época

Ouvimos e lemos o tempo todo na imprensa sobre assuntos relacionados a questões raciais, sexualidade e desigualdade social, mas não é de hoje que são abordadas essas pautas. Foi no fim do Século XIX e início do Século XX que um jornalista, cronista, tradutor, dentre outras funções que exerceu, abordava assuntos de cunho antropológico e sociológico.

Filho de pai branco e mãe afrodescendente, João Paulo Barreto, mais conhecido como João do Rio, escreveu no livro *As religiões do Rio*, publicado em 1904, revelações sobre cultos e crenças não considera-

dos pela literatura e sociedade naquele período no Rio de Janeiro.

Biógrafo de João do Rio, o jornalista João Carlos Rodrigues, autor de *João do Rio: uma biografia* (Topbooks, 1996), destaca que, apesar disso, João do Rio nunca se referia aos negros como nós, mas sim como eles. Na época, mulatos como ele não eram considerados negros.

Por mais que nunca tenha sido batizado, sua atuação como jornalista investigativo aplicava-se às religiões relacionadas com a africanidade, como o candomblé e a umbanda. Sempre muito interessado em assuntos afro-brasileiros, foi o pioneiro no País ao se referir a esses assuntos. Naquela sociedade que abolira a escravidão havia tão pouco tempo, ainda era um grande tabu falar sobre temas como esses e frequentar os mesmos lugares que negros.

De acordo com o seu biógrafo, os temas relacionados à africanidade eram vistos como uma afronta à sociedade.

Palloma Baccarin

"Esses assuntos não saíam nos jornais, afinal, o Brasil tinha vergonha das religiões afro-brasileiras e muitas pessoas frequentavam escondidas os centros de umbanda".

O interesse pela africanidade vem desde muito cedo. Foi por meio do jornalista, poeta, ativista político e romancista José do Patrocínio que João iniciou sua vida jornalística. Patrocínio, abolicionista, atuou na Gazeta de Notícias, jornal em que João do Rio também trabalhou. O ativista, que assinava com o pseudônimo Prudhome, iniciara ali a campanha pela Abolição.

Não há como negar suas raízes e ligação com a africanidade, muito menos sua atuação como jornalista investigativo "infiltrado" em religiões tão renegadas pela sociedade. João foi ousado em muitas de



O que acontece dentro das florestas

tem impacto enorme fora delas.

Nas florestas é assim: uma coisa leva a outra. É uma árvore que leva a um inseto, que leva a um pássaro, que leva ao trabalho da Vale, que em conjunto com as pessoas na Amazônia e na Mata Atlântica pode transformar a vida de todos nós. Há mais de 40 anos, a Vale investe em projetos e negócios socioambientais, pesquisas e na conservação das nossas florestas. Mantemos e protegemos 1 milhão de hectares e, até 2030, vamos cuidar de mais 500 mil hectares, além das fronteiras da Vale. Tudo para contribuir para o compromisso de ser carbono neutra até 2050.

Cuidar das florestas hoje é transformar o amanhã de todos.



Aponte a câmera do celular
para conhecer todas as ações.
Ou acesse vale.com/carbononeutro





lidar com a I Guerra, pois a crua realidade não admitia arroubos literários. (A rigor, é dessa forma que as coisas andam. Nesse sentido há uma curiosa suspeita de que o texto conciso, enxuto e sedutor de Ernest Hemingway, tão valorizado a partir do século

XX, nasceu de necessidades imediatas. Correspondente em Paris da revista americana *Collier's* e do jornal canadense *Toronto Star* na década de 1920, ele escrevia à solta, conforme lhe ditava a inspiração, e depois, antes de enviar o texto, cortava todos os adjetivos, advérbios e o que mais fosse necessário para economizar, porque o preço elevadíssimo do telégrafo lhe dava o papel de editor assistente. No tópico da economia, também é importante lembrar que frequentemente Hemingway ia ao chique Parque Bois de Bologne para caçar uma de suas pombas, que seria o seu almoço. A julgar pelo seu método de trabalho posterior, ele prosseguiu naquele caminho, segundo relata um dos diversos livros biográficos, cujo nome me escapa: pela manhã escrevia, em pé, duas laudas e depois do meio-dia ia beber, pescar e contar suas histórias de motorista de ambulância durante a I Guerra. No dia seguinte resumia o trabalho anterior para uma lauda; nessa operação ia produzindo seus livros e contos).

Em 1915 já existem registros de manchetes em *Gazeta de Notícias*, *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*.

Surge o repórter-andarilho

Este rápido sobrevoo no nosso jornalismo dos anos noventa teve a finalidade de ressaltar o papel inovador de João do Rio na imprensa brasileira. Seu projeto foi simples. Colocou em prática um antigo conselho que recomendava a busca de boas reportagens e que, mais tarde, foi encampado por políticos em campanha: gastar a sola dos sapatos! Estimulava a necessidade de romper redomas,

de ir às ruas para conhecer a realidade da vida e cavoucar bons assuntos de interesse geral. Naqueles idos era uma extraordinária, melhor dizendo, revolucionária e bem-sucedida novidade. Não é exagero afirmar que João do Rio colocou o ovo do nosso jornalismo em pé. Através de duas séries de reportagens que empolgaram o País, realizadas no primeiro semestre de 1904, cuja apresentação é suficiente para resumir o magnífico trabalho do jornalista-escritor. Ambas foram transformadas em livros festejados. (Porém, antes de apresentá-las, é oportuno comentar alguns detalhes das inovações introduzidas por João do Rio ao nosso jornalismo)

O também acadêmico Raimundo Magalhães Jr. (1907-1981), no livro *A vida vertiginosa de João do Rio*, uma das várias biografias do escritor, anotou que ele foi um dos maiores jornalistas da primeira metade do século XX. Porém, sua presença inovadora, no jornalismo da sua época, foi além das virtudes técnicas, ao oferecer importante contribuição à sua profissionalização; vivia prioritariamente do trabalho, algo pouco habitual na época. Até então, predominava nas redações um certo caráter amador, no qual se fazia a busca de prestígio e afirmação social que propiciavam a venda de livros e a nomeação para sinecuras. (A menção de Raimundo Magalhães Jr. faz lembrar que, acadêmico desde 1956, ele trabalhou regularmente na revista *Manchete* nos anos 1970 como redator. Tinha como colegas de trabalho Murilo Melo Filho e Carlos Heitor Cony, que seriam imortais, respectivamente nos anos



João do Rio, em sua foto mais conhecida

João do Rio, pelos olhos dos estudantes

suas opiniões sobre a sociedade daquele tempo, resultado de muitas desavenças e críticas até os dias atuais.

Essa mesma curiosidade e repercussão nos seus trabalhos também se expandiam para assuntos relacionados com a diversidade e a desigualdade social. Foi com o lançamento do livro *A alma encantadora das ruas*, de 1908, que ele chocou a tal sociedade que vivia no universo da *belle époque* carioca. Parece assunto da atualidade, mas no início do século XX temas como pobreza, vícios, drogas, entre outros, já chamavam a atenção do jornalista. Mas não eram somente embasadas por tragédias que suas experiências nas ruas contavam. João do Rio também dissertava sobre seu encanto pelas ruas do Rio de Janeiro, bem como sobre seus encontros e diálogos com pintores, músicos de rua e artistas de rua em geral.

Não foi difícil conseguir grande popularidade em sua profissão. Assuntos polêmicos e que estão em pauta por décadas destacam a supremacia fantástica do criador do jornalismo investigativo sobre eles. A cidade do Rio era sua sina, os aspectos da vida co-

tidiana dos cariocas, sua paixão. Foram suas pautas principais e cenários permanentes.

Se ainda não bastasse uma carreira baseada em polêmicas, o escritor e jornalista arrancava muitos comentários maldosos e preconceituosos sobre sua vida pessoal e orientação sexual. Pertencer à categoria LGBTQIA+ é uma luta constante, que acontece historicamente pelo reconhecimento das diferenças nas orientações sexuais e no combate ao preconceito e à discriminação. Travar essa luta em pleno ascender das luzes do século XX, mesmo que indiretamente, era um ato de coragem e dele João do Rio fazia parte.

João Carlos Rodrigues evidencia um pouco de seus modos naquela época: "Embora João do Rio não dissesse ser homossexual, ele evidentemente era. Porque esse negócio de mulher não se casar com mulher e homem não se casar com homem, isso é uma coisa que só os heterossexuais é que acham. Na realidade, o que vale é a pessoa ser interessante". Ele provocava a sociedade, usava coletes cor cereja, capotes esmeralda e coisas do gênero. Muito se diz que o jor-

nalista era homossexual, mas suas relações amorosas destacadas em sua principal biografia, entre outros acervos, evidenciam o romance com a bailarina Isadora Duncan, por quem se apaixonou intensamente, o que poderia caracterizá-lo como bissexual.

Talvez por esse motivo João do Rio denunciava o lado difamante do mascarado Rio de Janeiro, com o qual não se identificava. O jornalista que mostrava a realidade da sociedade lançava críticas aos seus dirigentes e a todas as pessoas que se voltavam aos princípios liberais.

Por volta de 1904, o repórter já falava sobre feminismo, divórcio, racismo, desigualdade social e muitos outros assuntos tão atuais no século XXI. Mesmo em meio a tantas críticas, o biógrafo João Carlos conta que João do Rio sempre foi recebido de braços abertos pelos cariocas. Quando morreu, 100 mil pessoas compareceram ao seu féretro. O Rio de Janeiro tinha 400 mil habitantes, o que equivale dizer que um quarto da população foi homenageá-lo na hora final. Ele nunca deixou de ter seus vínculos populares, mesmo frequentando as elites.



vivo

A líder em telecom no Brasil é também a 1ª carbono neutro da América Latina.

Desde 2019, a Vivo **compensa suas emissões diretas** e, hoje, os nossos investimentos são direcionados à proteção da biodiversidade das florestas. Além disso, 100% do nosso consumo de energia é proveniente de **fontes renováveis** e expandimos nosso projeto de geração distribuída usando as fontes solar, hídrica e biogás em todas as regiões do país. Reforçando nosso compromisso com a sustentabilidade, incentivamos também as pessoas a descartarem o lixo eletrônico de forma consciente nas nossas 1.600 lojas em todo o Brasil, através do **projeto Recicle com a Vivo**.

Acesse
vivosustentavel.com.br
e saiba mais sobre o
compromisso da Vivo
com o planeta.

#vivosustentavel

Sustainability Award
Industry Mover 2021

S&P Global


 ESPECIAL
 DIA DA IMPRENSA

João DO RIO

que Cony foi editor. Ele tinha o divertido costume de riscar frases nos textos escritos pelo repórter, para reescrever à mão a mesma coisa por cima, embora o material já tivesse sido aprovado pelo seu controle de qualidade pessoal. Assim fazia porque o editor-chefe Justino Martins somente apostava em textos copidescados).

O respeitado crítico literário José Brito Broca (1903-1961), autor de um saboroso livro intitulado *A Vida Literária do Brasil*, certificou outra importante novidade na prática jornalística de João do Rio entre nós: o prenúncio do inovador movimento do *new journalism*, que ganhou corpo nos anos 1960. Trata-se da introdução de recursos literários para tornar mais palatáveis os textos jornalísticos. A referência oficial foi a matéria *A sangue frio*, transformada em livro, escrita por Truman Capote e publicada pela revista *The New Yorker*, em 1965. Relata o pavoroso extermínio da família Clutter em Holcomb, no estado do Kansas. No entanto, estudiosos admitem que o estilo já havia se manifestado a partir do século XVIII na literatura, nos quais ficção e realidade misturavam-se, e nesse sentido citam Charles Dickens (1812-1870). O russo Liev Tolstói também pode ser lembrado nessa direção, principalmente em *Guerra e Paz*, publicado sob forma de folhetim entre 1865/69. A título de ilustração, Tolstói descreve, por exemplo, o costumeiro passeio do vitorioso Napoleão pelo campo de batalha, como era seu hábito, elogiando os soldados mortos, franceses e inimigos. (Neste excerto, deparou com um jovem tenente austríaco feito prisioneiro. Abordou-o:

de 1999 e 2000. Aliás, dentro da Manchete [1952-2000] sobrevivia o comentário de que Adolpho Bloch sempre fez questão de garantir imortais na redação; uma das suas obsessões para dar status à sua revista. Tive o privilégio, nos anos 1970, de fechar matérias em

“– Tão jovem, e já veio se meter conosco?

– Não é preciso ser velho para mostrar coragem.
 – Bem respondido”.)

O passo seguinte mais significativo do *new journalism* foi justamente *The New Yorker*, lançada em fevereiro de 1925; pode-se dizer que, da mesma forma que O Pasquim inventou Ipanema, a revista inventou Manhattan. Entre nós, os principais canais do novo gênero foram a revista *Realidade* (1965) e o *Jornal da Tarde* (1966). A febre foi dão intensa, que três nomes se transformaram em verdadeiros gurus nossos: Tom Wolfe, Gay Talese e Norman Mailer. No caso de Talese, cada jornalista exibia o livro *Aos Olhos da Multidão*, que reunia suas melhores matérias para variadas publicações diferenciadas, como fez, anos depois, o presidente Fernando Collor, ao subir a rampa do Palácio do Planalto exibindo ostensivamente para a imprensa obras do renomado filósofo e historiador italiano Norberto Bobbio. Produziram tantos imitadores que, do alto da sua rotineira ironia, Murilo Felisberto, o *Murilinho*, que dispensa apresentações, dizia: certas pessoas deviam ser proibidas de possuir máquinas de escrever em casa.

Voltemos a João do Rio. A primeira das históricas séries mencionadas chamou-se *As religiões do Rio*; foram 25 longas reportagens. A magnífica Biblioteca Guita e José Mindlin, na Cidade Universitária de São Paulo, tem uma edição de 1906 desse livro de 267 páginas,



João, com chapéu palheta e paletó xadrez, na caricatura de Gil que se transformaria em sua assinatura

João do Rio, pelos olhos dos estudantes

João do Rio, seus amigos e inimigos

O retrato da vida social do criador do jornalismo investigativo e da reportagem moderna no final do século XIX e início do século XX

Palloma Baccarin

Joe, Godofredo de Alencar e Caran d'Ache foram apenas alguns dos 11 pseudônimos utilizados por Paulo Barreto, nome real de João do Rio, o mais conhecido deles. Sua trajetória na história da comunicação é pautada por grandes marcos, descobertas e quebra de padrões, principalmente por ser considerado o primeiro jornalista brasileiro a exercer a atividade de forma profissional e aplicar com exatidão o senso da reportagem investigativa que se constitui em importantes análises de cunho antropológico e sociológico. Biógrafo de João do Rio, o jornalista carioca João Carlos Rodrigues, autor de *João do Rio: uma biografia* (Topbooks, 1996) destaca que, em sua trajetória, ele contou, ao longo de seus quase 40 anos de vida, com grandes amigos, como Irineu Marinho, pai do jornalista Roberto Marinho, fundador

da Rede Globo, e também algumas inimizadas, entre elas, a principal, do poeta Humberto de Campos.

Nomes como o escritor e jornalista Gilberto Amado, o ex-presidente da República Nilo Peçanha e o também escritor Olavo Bilac foram considerados amigos de João do Rio. Amado foi um jornalista, escritor e político brasileiro que conviveu bastante com ele, ao ponto de ter presenciado alguns dos célebres encontros de João com a dançarina Isadora Duncan, que marcaram a crônica do período. João do Rio foi para Isadora uma espécie de “guia de turismo” no Rio, como a própria bailarina relata em sua biografia. Segundo Amado, Isadora dançou seminua, ao luar, para João do Rio, na Cascatinha da Tijuca.

Peçanha, por sua vez, também teve uma forte amizade com o jornalista. Em 1903,

João do Rio foi indicado por ele para trabalhar no jornal *Gazeta de Notícias*, atividade em que permaneceu por dez anos.

Olavo Bilac era um poeta que João do Rio admirava muito, mas não eram exatamente amigos. Poderíamos dizer que eram como conhecidos cordiais. Foram poucos os encontros entre eles, como a entrevista para o livro *Momento Literário*, escrito por João do Rio, do qual Bilac participou; a ida à Europa pela primeira vez no navio do poeta; e a participação de ambos em uma campanha em favor do serviço militar obrigatório para todos.

Irineu Marinho, fundador do jornal *O Globo*, em 1925, também era considerado um amigo de João do Rio, sendo que este chegou a lhe emprestar, em uma ocasião, dinheiro para montar o jornal *A Noite*. Empréstimo que depois foi pago. “Dois

“EU
INVESTI NO
RECOMEÇO”

E você,
está
investindo
em quê?

João Carlos Martins fez mais de 20 cirurgias para não abandonar a música. E transformou sua própria história em inspiração. **Só transforma o mundo quem investe.**

Abra sua conta: xp.com.br



investir
transforma



xadrez que devia ser uma das suas marcas registradas, como o boné de Milton Nascimento; outra de suas marcas era a de aparecer com fraque e cartola. (Há poucas informações sobre o chargista Gil, mas certamente era respeitado na época, pois fez parte de uma histórica equipe de cartunistas da revista O Malho [1902-1952], criada por Crispim Amaral). No expediente, com cerca de dez nomes, destaca-se a figura do mítico cartunista luso-brasileiro Angelo Agostini (1843-1910). Anteriormente, na segunda metade do século XIX, ainda no Segundo Império, Agostini havia lançado em São Paulo o semanário Diabo Coxo, com Luiz Gama, cuja importância, aliás, e vale registrar, não é suficientemente reconhecida no País, muito menos pelo movimento de negritude; depois fez o também semanário O Cabrião, com Américo de Campos, que foi empastelado, e praticamente fechado, face suas críticas à monarquia e à escravidão. (Américo de Campos fundaria o Estadão e o Diário Popular na capital paulista).

A edição também traz uma apresentação de próprio punho, na qual ele justifica as razões desse trabalho.

"(...) Ao ler os grandes jornais diários, a imagem é que estamos n'um país essencialmente católico, onde alguns matemáticos são positivistas. Entretanto, a cidade pullula de religiões. Basta parar em qualquer esquina e interrogar. A diversidade de culto espantar-vos-ia. São pagãos litterarios, physiocratas, amantes do diabo, bebedores de sangue, descendentes da Rainha de Sabá..."

Talvez os excertos a seguir deem uma ideia do seu conteúdo.

editado pela própria Gazeta de Notícias. A edição traz uma caricatura de Gil, ou Carlos Leon, que se tornou uma espécie de logotipo do jornalista-escritor, obeso e bonachão, com o desabado chapéu de copa circular no estilo palheta; e um paletó

O Virgílio de João do Rio

(Na abertura do livro, João do Rio parece sugerir que Antonio, seu cicerone nas andanças pelas quebradas do Rio daquela época, imita o poeta Virgílio na Divina Comédia).

"Antonio é como aquellos adolescentes africanos de que fala o escritor inglês. Os adolescentes sabiam dos deuses catholicos e dos seus próprios deuses, mas só veneravam o whiskey e o shilling.

Antonio conhece muito bem Nossa Senhora das Dores: está familiarizado com os orixalás da África, mas só respeita o papel moeda e o vinho do Porto. Graças a esses dois poderosos agentes, gozei da intimidade de Antonio, negro inteligente e vivaz. Graças a Antonio conheci casas das ruas de São Diogo, Barão de São Felix, Hospício, Núncio e da America onde se realizam os candomblés e vivem os pais de santo. E rendo graças a Deus, porque não há de certo, em toda cidade, meio tão interessante.

– Vai V.S. admirar muita coisa! Dizia Antonio a sorrir. E diz a verdade.

Dei-lhe as notas. Com as mãos tremulas o sábio (assistente do orixalá) as apalpou longamente.

– Se acontecer, osumcê dá presente a Olôo?

– Mas de certo.

Ele correu consultar o obêlê. Depois sorriu.

– Dá sim. Santo diz que dá.

Também eu sorria.

Pobre velho malandro e ingênuo! Eu perguntara modestamente à concha do futuro, se seria imperador da China.

– Pega agora nesta pedra e nesta concha. Pede o que tiver vontade à concha dizendo sim, e à pedra, dizendo não.

Assim fiz. O obêlê cahiu no encerado. A concha estava na mão direita e a pedra, na esquerda.

O Olôo tremia, falando ao santo com os negros dedos tremulos no ar.

João do Rio, pelos olhos dos estudantes

jornalistas, um emprestou o dinheiro e o outro pagou. Fim da história", comenta João Carlos, autor da biografia do João do Rio.

Durante sua vida e trajetória, João do Rio sofreu muitos ataques. Estamos, afinal, falando de um homem gordo, homossexual (ou mesmo bissexual, como eventualmente se pode deduzir), negro, sem posses ostensivas e que era contra muitas das coisas consideradas "corretas" nas primeiras décadas do século XX. Segundo o biógrafo, embora o repórter não falasse assumidamente sobre sua sexualidade, ele evidentemente era



Humberto de Campos

bissexual (em verdade homossexual, pelo que a história registra com maior intensidade). Tanto o modo de falar, quanto as cores das roupas que usava eram indicativos na época; dessa forma, havia um certo medo de as pessoas se aproximarem do

escritor como amigo e acabarem sendo confundidos com namorados.

Logo surgiriam muitas inimizades, entre elas as de Humberto de Campos, Leopoldo Fróes, Paschoal Segretto e Lima Barreto.

Humberto de Campos foi um jornalista e memorialista considerado o grande desafeto de João do Rio. Em um "diário secreto" de Humberto, publicado 15 anos depois, pode-se perceber como João era um dos alvos mais constantes de suas gozações, provocações e foco principal de suas sátiras. Um exemplo, segundo o biógrafo do jornalista, foi quando João do Rio, em sua coluna *Pall Mall Rio*, para o jornal O Paiz, fazia uma nota sobre a ida à casa de alguém, falando sobre sua experiência e outras anotações.

Na sequência, Campos começava a debochar dele, fazendo uma paródia da coluna com o nome de "pele mole Rio" publicando termos preconceituosos, como: "fui à casa da macaca e serviram bananas ao jantar". A inimizade entre ambos teria começado depois que o repórter fez uma crítica a um livro de Humberto de Campos.

Leopoldo Fróes, também desafeto do jornalista, foi um ator popular, compositor, letrista e cantor brasileiro. Sua rivalidade com Paulo Barreto, o nome real de João do Rio, está relacionada com a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), da qual João foi eleito presidente. Na época, os produtores não pagavam direito autoral aos autores das peças. Por causa disso, houve uma grande cobrança e manifestações comandadas por Leopoldo e outros nomes, como, por exemplo, Paschoal Segretto. Além disso, em suas peças, Fróes começou a fazer "piadinhas" com o presidente da SBAT falando sobre sua suposta "feminilidade" no meio de suas peças.

Lima Barreto foi um escritor e romancista da Primeira República. Por mais que os dois tivessem pensamentos parecidos e morassem na mesma cidade, além de terem a pele mais escura, a relação entre ambos estava bem longe de ser uma amizade, na verdade, era quase uma inimizade. Barreto publicou o primeiro romance *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, no qual fez críticas bem rigorosas em sátiras sobre



IMPRENSA LIVRE SALVA VIDAS. O RESTO É FAKE NEWS.

Quando o Brasil ficou sem dados oficiais na pandemia, a imprensa se organizou e deu voz à verdade. O Dia da Imprensa é o dia da vitória do fato sobre o fake. Por isso, a melhor homenagem é usar este espaço para relembrar os cuidados com a Covid-19.



**USE
MÁSCARA**



**LAVE
AS MÃOS**



**EVITE
AGLOMERAÇÕES**



**SE PUDER,
FIQUE EM CASA**



Saiba mais.
Baixe o app e-saúdeSP.



**CIDADE DE
SÃO PAULO**

prefeitura.sp.gov.br/coronavirus


 ESPECIAL
DIA DA IMPRENSA

João DO RIO

– É uma cantiga de orixalá. Significa: o homem do dinheiro está aí. Vamos erguel-o.

Apertei-lhe a mão jubiloso e reconhecido”.

(Capítulo de Os Feiticeiros)

“Não precisei dos meios violentos de Caramuru de África para saber

o mais terrível mystério da religião dos minas: o egum, ou evocação das almas. Naquela mesma noite em que contratara Antonio, o negro serviçal me levou à uma casa nas imediações da Praia Santa Luzia (*).

– Em tudo é preciso mystério, dizia ele. V.S. vai à casa do babalaoxá, finge acreditar e depois vai para uma cerimônia na Casa das Almas. Poderá, então, ver o segredo da pantomima. Quem descobre o segredo do egum, morre. Eu me arrisco a morrer.

– Tens medo?

– Não. Mas se morrer amanhã, todos os feiticeiros dirão que foi o feitiço. Do egum depende toda a traficância. Abubaca Caolho, que mora na Rua do Rezende, é um dos taes. Quando há uma morte, vai logo dizendo que foi ele quem fez.

(*). A Praia Santa Luzia foi uma das várias do centro do Rio que desapareceram com a grande reforma executada pelo presidente Rodrigues Alves, 1902-1906”.

(Capítulo de A Casa das Almas)

“O babalaoxá coloca o cangirão ardente na cabeça da yaô que não cessa de dançar delirante, insensível e alteando o braço com um gesto dominador e um sorriso que lhe prende o beijo aos ouvidos, entornando nas braças fumegantes um alguidar cheio de azeite nas chamas; a negra, bem no meio da sala, sacoleja num juggedê lancinante e pela sua cara suada, do cangirão ardente e que lhe queima a pelle, escorrem fios amarelos do azeite.

– Não queimou, não queimou, ele é grande!”

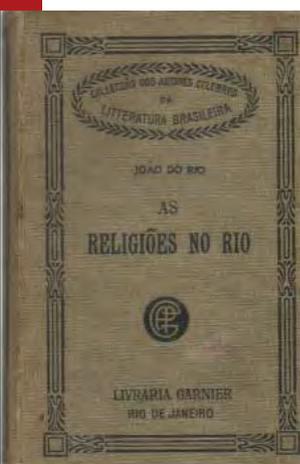
(Capítulo As Yaôs)

“Era domingo, às portas do Templo da Humanidade, na Rua Benjamin Constant, com o céu luminosamente azul e o sol tépido; havia muita concorrência nessa rua de ordinário deserta.

Senhoras, cavalheiros de sobrecasaca, militares, creanças. Uns subiam logo as escadas do templo, cuja fachada recorda um templo grego; outros, mais íntimos, seguiam para o fundo pelo lado direito. Teixeira Mendes fazia sua predica dominical. Tinhamos ido conversar com um velho positivista. A princípio, ele comunicava um profundo desprezo pela frivolidade jornalística e a imprensa. Como eu risse sem rancor, permitiu-se levar-me até a igreja e foi tão bondoso que ali estávamos tagarelando de cousas superiores, enquanto ao templo continuava a afluir a onda de fardas, de senhoras e de cavalheiros solemnes”.

(Capítulo da Igreja Positivista)

“Quando resolveu integrar o hierofante, Magnus Sondhal sabia da Physiatria o que os proselytos deviam entrever em artigos de jornal cheios de nomes arvezados nos copiosos comunicados trazidos



As religiões do Rio, em edição da Garnier

João do Rio, pelos olhos dos estudantes

alguns jornalistas, incluindo João do Rio. Curiosamente, ambos eram considerados negros e gostavam de circular entre os excluídos. No entanto, nunca se gostaram.

Para o biógrafo João Carlos Rodrigues, João do Rio foi o personagem mais importante da história do jornalismo investigativo

brasileiro. Segundo ele, naquele tempo ninguém ia para a rua para entrevistar alguém. A marca do jornalismo de então era essa: as pessoas sentavam-se em uma cadeira, escreviam um artigo robusto, sem manchete, sem imagem e sem informação e publicavam.

Na virada do século, começam as re-

formas na área da comunicação, e isso se dá na Gazeta de Notícias, que era um dos principais jornais do Rio. Foi nele, aliás, que João do Rio “inventou” a entrevista, a reportagem *in loco* e reinventou a crônica. Ele foi um reformador do jornalismo.

O Reboúças em constante movimento

O mundo atravessa um momento com grandes transformações e o Centro de Convenções Reboúças evolui para acompanhar as exigências desse contexto.

Através de soluções para eventos presenciais, híbridos ou digitais, continuamos a conectar pessoas e acontecimentos em um ambiente estruturado e interativo, para que congressos, convenções e feiras continuem avançando.

Modernizamos a identidade visual e trabalhamos para oferecer momentos cada vez mais inspiradores, seguros e inovadores, como na ocasião recente, em que o Reboúças entrou mais uma vez para a história, acolhendo o primeiro dia de vacinação contra a Covid-19 no Brasil, em janeiro deste ano.

São iniciativas como esta que nos inspiram a seguir juntos na direção de um único sentido: acolher os mais relevantes e fundamentais encontros do mundo, cada vez mais humanizados





aos diários (*) por homens apressados e radiantes. Pelos artigos ficava-se imaginando Physiologia um conjunto de positivismo, ocultismo e socialismo: pelos comunicados via-se que os physiologos, quase todos doutores, creavam academias e cooperativas. Entretanto o Sr. Magnus Sondhal, certa vez, às portas de um café, definiria, para meu espanto, a sua religião. A Physiologia não é um culto no sentido vulgar da palavra, mas uma verdadeira cultura mental. É, antes, a sua tematização racional do processo espontâneo de educação dos seres vivos, donde resultaram todas aptidões, mesmo físicas e psicológicas respectivamente adquiridas".

(Capítulo A Physiologia)

(*) O comportamento desses mensageiros, sempre envergando cabelos curtos, ternos austeros e gravatas solenes, faz lembrar a movimentação de integrantes da entidade radicalmente conservadora Tradição, Família e Propriedade (TFP) nas redações nos anos 1960 e 1970. Sabedores do extremo recato com que a TFP tratava da sexualidade, jornalistas passavam a descrever imaginárias aventuras pornográficas em voz alta.

"A Igreja Fluminense data de 1858. Foi a primeira congregação evangélica estabelecida no Brasil, graças ao espírito de um homem rico e feliz. O Sr. Robert Reide Kelley trabalhava na Ilha da Madeira quando, em 1853, lembrou-se de vir ao Rio de Janeiro. Era escocês, médico, ministro evangélico e possuía bens e fortuna. Ao deixar o clima delicioso da ilha por essa cidade, naquele tempo foco de moléstias terríveis, não enviava nenhum board estrangeiro, vinha espontaneamente apenas por amor ao Evangelho de Jesus Christo".

(Capítulo Os Evangélicos)

"– Satanaz! Satanaz!

– Che Vuoi!

– Não o sabes tu? Quero o amor, a riqueza, a ciência, o poder. Como as crianças, as bruxas e os doidos, sem fazer nada para os conquistar.

O philosophico Tinhoso tem nesta grande cidade um ululante punhado de seguidores, e, como sempre que seu nome aparece, arrasta consigo a galope a luxuria, a anciã da volúpia e do crime, eu, que já o vira Echú, pavor dos negros feiticeiros, fui enconral-o poluindo os retábulos com o seu deboche, enquanto a teoria bacchica dos depravados e o poder das demoniacas estorcia-se no paroxismo da orgia.

Satanaz é como flecha de Zenon, parece que partiu, mas está parado – e firme nos corações".

(Capítulo Os Satanistas).

A segunda série junta observações de rua, como o título deixa claro. O livro *A alma encantadora das ruas* foi lançado em 1906 pela Livraria Garnier, reunindo suas reportagens e crônicas publicadas entre 1906/07 na mesma Gazeta de Notícias. É necessário afiar a sensibilidade para compreendê-lo, pois, num primeiro momento, o título e a apresentação parecem enganosos ao sugerir uma leitura de descompromissado lazer. O texto, mergulhado em crua realidade, faz sobressair o excelente repórter na pena do escritor. Cabe também ressaltar a Garnier, que foi uma espécie de desbravadora do nosso processo civilizatório. Vinda de Paris com Baptiste Louis Garnier, reproduziu aqui



Edição original de *A alma encantadora das ruas*, pela Garnier

João do Rio, pelos olhos dos estudantes

Livros de João do Rio demarcam sua relação de afeto com a cidade

Repórter escreveu 25 obras, entre livros, reportagens e crônicas

A produção literária de João do Rio é marcada pela sua relação com a cidade do Rio de Janeiro, captando as mudanças físicas e sociais que ocorriam na sociedade. As crônicas compõem a maior parte de seus escritos, mas ele também produziu peças teatrais, romances e traduções. Paulo Barreto, seu nome real, iniciou a carreira na literatura em 1904, com o livro

As religiões do Rio. Os textos eram publicados no jornal carioca Gazeta de Notícias, com o intuito de mostrar os cultos e as práticas de maronitas, presbiterianos, batistas, metodistas, judeus, espiritas,

umbandistas, entre outros, presentes na periferia do Rio. Na mesma saga, João do Rio deu destaque em cinco capítulos aos cultos afro-brasileiros, que eram proibidos por lei, ganhando maior destaque. O livro vendeu mais de seis mil cópias nos seis primeiros anos, um recorde na época. No total, escreveu 25 livros e um sem-número de peças de teatro, crônicas e, principalmente, reportagens.

Em seu segundo livro, *O Momento Literário*, escreveu sobre a adoração dos homens aos poetas da época. Na obra, reuniu famosos de então, entre os quais João Ribeiro, Coelho Neto, Silva Ramos e Clóvis Bevilacqua, escritores e artistas, em um bate-papo bem incomum, com o intuito de matar a curiosidade dos fãs sobre a vida deles, assim como ele mesmo chama em seu livro "a curiosidade de verão". Na obra, fez uma espécie de entrevista pingue-pongue, em que as perguntas eram de

curiosidade popular sobre os personagens, entre os quais escritores, poetas e artistas famosos.

Um de seus livros de maior repercussão, *Dentro da noite*, foi escrito em 1910. Nele, conta oito histórias de pessoas com interesse no tratamento da hiperestesia (aumento na sensibilidade de qualquer um dos sentidos). Cinco desses casos tratam de pessoas usadas pela alta sociedade da época para satisfazer seus fetiches sexuais. Em geral, integrantes das classes mais humildes eram contratados para satisfazer os desejos sexuais dos ricos, em jogos de perversão. O livro também trata de temas complexos como álcool, drogas, cleptomania e a perversão humana. *Dentro da noite* tem o objetivo de mostrar como seus atos podem levar qualquer um a se tornar um monstro, a partir do momento que seus desejos cruzam a linha da normalidade.

Stefany Lima



Você está preparado para **conversar com o seu futuro?**

A SulAmérica está.
Evoluímos para oferecer a você
Saúde Integral em todos os momentos.

A SulAmérica está pronta para ajudar você a cuidar da sua saúde física, emocional e financeira, com planos de saúde, odontológicos, de previdência, seguros de vida e plataforma de investimentos.

Isso é Saúde Integral. Para você viver melhor, por inteiro.



Para saber mais, acesse
sulamericasaudeintegral.com.br
ou o código ao lado.


SulAmérica

125 ANOS



revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós.

Os dicionários só são considerados fontes fáceis de completo saber pelos que nunca os folhearam. Abri o primeiro, abri o segundo e abri dez, vinte enciclopédias, manuseei in-folios especiais de curiosidade. A rua era para eles apenas um alinhado de fachadas por onde se anda nas povoações. Ora, a rua é mais do que isso; a rua é um fator de vida das cidades, a rua tem alma!

Para compreender a psicologia das ruas não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter o espírito de vagabundo, é preciso ser aquilo que chamamos de flâneur e praticar o mais interessante dos esportes – a arte de flanar. Flanar é ser vagabundo e refletir; é ser basbaque e comentar; ter o vírus da observação ao da vadiagem”. (Mais à frente, o verbo flanar mostra sua enorme dimensão na vida do escritor).

Assim como deve ter ocorrido com *As religiões do Rio*, os excertos a seguir poderão esclarecer o espírito das suas 295 páginas.

“O cigano aproximou-se do catraieiro. No céu muito azul, o sol derramava toda a sua luz dourada. O cigano, de fraque e chapéu mole, já falara a dois carroceiros moços e fortes, já os animara a en-

a trajetória cultural dos irmãos Garnier, lá desenvolvida de 1844 a 1934. Abria suas portas na rua do Ouvidor, 69, e foi a primeira a editar Machado de Assis. João do Rio anotou na sua introdução. “Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza íntima não vos será

trar numa taberna de freguesia retumbante. Agora, pelos seus gestos duros, pelo brilho do olhar, bem se percebia que o catraieiro seria sua vítima, a última alternativa que ele procurasse desde a manhã, como um milhafre esfomeado.

Eduardo e eu caminhávamos pela rampa, na aragem firme da tarde que se ia embora, de todos aqueles cheiros de maresia, de gordura, de aves presas, de verduras.

O catraieiro batia negativamente com a cabeça.

– Uma calça, apenas uma, em muito bom estado.

– Mas eu não quero.

– Ninguém lhe vende mais barato. Palavra de honra. E a fazenda? Veja a fazenda.

Desembrulhou com cuidado um embrulho de jornal. De dentro surgiu um pedaço de pano cor de castanha.

– Para o serviço! Dois mil réis, só dois!... Eu tenho família, mãe, esposa, quatro filhos menores. Ainda não comi hoje.

Eduardo, que nessa tarde passeava comigo, arrastou-me para o ex-Largo do Paço, costeando o cais, até a velha estação das barcas.

– Admiraste aquele negociante ambulante?

– Admirei esse refinado ‘vigarista’.

– Oh, meu amigo. A moral é uma questão de ponto-de-vista. Aquele cigano faz parte de um exército de infelizes a que as condições de vida ou do próprio temperamento, a fatalidade, enfim, arrasta muita gente”. (O que se vê nas ruas – pequenas profissões)

“Os sabidos dedicam-se a pesquisar nos montes de ciscos as botas e os sapatos velhos e batem-se, com fúria, por duas botas iguais, pois, em geral, só se encontra uma, desirmanada. Esses infelizes têm preço fixo para o trabalho, uma tarifa combinada entre os compradores, os italianos remendões. Um par de botas custa, por exemplo, 400 réis; um par de sapatos, 200 réis. As classes pobres preferem botas

João do Rio, pelos olhos dos estudantes

Uma das peças mais famosas de João do Rio foi a *A bela Madame Vargas*. Ela foi exibida primeiramente no Rio de Janeiro e logo depois produzida em teatros de Lisboa. A montagem se passa entre 1900 e 1922, o período pré-modernista. A peça mostra a convivência entre os aristocratas em suas festas, chás e os arranjos sociais de grande luxo. *A bela Madame Vargas* tornou-se uma peça-chave para o estudo do comportamento da sociedade na época, quando claramente a cultura europeia tinha muita força no Brasil, especialmente na alta sociedade. Os barões e duques do tempo do Império tinham um enorme fascínio pela cultura francesa, tanto que muitos da alta sociedade traduziam textos em francês e até viajavam a Paris para estudar.

Em 1919, João do Rio escreveu *A mulher e os espelhos*, que conta a história da sociedade metropolitana do começo do século XX. Os personagens principais são mulheres da alta classe que começaram a ganhar espaço em uma sociedade machista. Nessa obra, Paulo Barreto, nome real do repórter, descreve um cenário incomum no período, que abrange temas furtivos e o desenvolvimento de fatos que trabalham com questões de violência, exploração, desigualdade social, divórcio, infidelidade, paixão e sedução. Até hoje essa obra é considerada um clássico e tem grande prestígio.

Em 1982, João do Rio foi interpretado no cinema brasileiro pelo ator José Lewgoy, no filme *Tabu*. A trama conta a história fictícia de um encontro imaginário

entre o escritor modernista Oswald de Andrade e o compositor Lamartine Babo, promovido por João do Rio. Mas além de contar a história desse encontro, que não aconteceu, a obra reúne cenas originais do filme *Tabu*, de 1930 de F. W. Murnau (que foi um dos mais importantes do cinema mudo, do cinema expressionista alemão e do movimento *Kammerspiel*). O drama ganhou o prêmio de melhor filme, melhor fotografia, melhor técnico de som e muitos outros prêmios importantes da época. Participaram, entre outros, Caetano Veloso (Lamartine Babo), Colé Santana (Oswald de Andrade), Mario Gomes (Francisco Alves), Dedé Veloso (Colombina) e Norma Bengell.



o cigano que acabamos de ver. Os belchiores compram as roupas para vendê-las com quatrocentos por cento de lucros”.

(Pequenas profissões)

– Quer marcar?

Era um petiz de doze anos talvez. As roupas em frangalhos, os pés nus, as mãos pouco limpas e um certo ar de dignidade na pergunta. O interlocutor, um rapaz louro, com sua dourada carne de adolescente, sentado à uma porta, indagou.

– Por quanto?

– É conforme, continuou o petiz. É inicial ou coroa?

– É um coração.

– Com nome dentro?

O rapaz hesitou.

– Sim, com um nome: Maria Josefina.

– Fica com tudo por seis mil réis.

Houve um momento em que se discutiu o preço, o petiz estava

aos sapatos. Uma bota só não se vende por mais de 100 réis.

– Mas é bem pago!

– Bem pago? Os italianos vendem as botas, depois de consertadas, por 6 a 7 mil réis. E o mesmo acontece com os moambeiros ambulantes, como

inflexível, quando, vindo de outro quiosque da esquina um outro se acercou.

– Ó moço, faço eu; não escute embromações. Pagará o que quiser, moço.

O rapazola sorria. Afinal resignou-se, arregaçou a manga da camisa de meia, pondo em relevo a musculatura do braço.

O petiz tirou do bolso três agulhas amarradas, um pé de cálix com fuligem e começou o trabalho. Era na rua Clapp, perto do cais.

Os pequenos marcadores têm um chefe, o Madruga, que só no mês de abril deste ano fez trezentas e dezenove marcações.

As meretrizes e os criminosos nesse meio de becos têm indelévels ideias de perversidade e de amor. Um corpo desses, nu, é um estudo social. As mulheres mandam marcar corações com o nome dos amantes, brigam, desmancham as tatuagens pelo processo do Madruga. E marcam o mesmo nome no pé, no calcanhar.

– Olha. Não venhas com presepadas, meu macacuano (*). Tenho-te aqui desgraçado!

O mostram ao malandro, batendo com o chinelo, seu nome no calcanhar.

É a maior das ofensas: nome no calcanhar, roçando a poeira, amassado por todo o peso da mulher”.

(Pequenas profissões).

(*) Se não se tratar de alguma giria de época, é o gentílico da cidade de Cachoeira de Macacu, Estado do Rio.



EM UM MUNDO ONDE AS NOTÍCIAS NÃO PARAM, CONTAR COM QUEM TEM CREDIBILIDADE É TUDO

Uma imprensa livre fortalece a sociedade e o estado democrático de direito. Nós, da Febraban, acreditamos que onde existe imprensa livre existe democracia, fiscalização e, acima de tudo, transparência. Em um mundo onde todo mundo fala o que quer, contar com quem tem credibilidade no que fala é tudo.

01 DE JUNHO

DIA DA IMPRENSA

FEBRABAN

Federação Brasileira de Bancos



"De madrugada, escuro ainda, ouviu-se o sinal de acordar. Raros ergueram-se, tinha havido serão até meia-noite. Então o feitor, um homem magro, corcovado, de tamancos, que ganha 200 mil réis e acha a vida um paraíso, o sr. Correia, entrou pelo barracão

por dia, com pequenos intervalos para as refeições e ganha-se cinco mil réis. Há, além disso, o desconto da comida, do barracão onde dormem, mil e quinhentos".

(Capítulo Três aspectos da miséria)

"Em geral os mendigos são claramente defeituosos, a que falta uma perna, um braço."

onde a manada de homens dormia com a roupa suja e empapada de suor da noite passada.

– Eh! Lá! Rapazes, acorda! Quem não quer, roda. Eh lá. Fora!

Houve um rebuliço na furna sem ar. Uns sacudiram os outros, amedrontados, com os olhos só a brilhar na face cor de ferrugem; outros, prostrados, nada ouviam, com a boca aberta, babando.

– Ó João, olha o café.

– Olha o café e olhe o trabalho! Ai, raios me partam. Era capaz de dormir até amanhã.

Estávamos na Ilha da Conceição, no trecho denominado fome negra. Há ali um grande depósito de manganês e, do outro lado da pedreira que separa a ilha, um depósito de carvão.

Defronte, a algumas braçadas de remo, fica a Ponta da Areia com a Cantareira. As obras do porto fechando um largo trecho cascalhado de barcos. Para além, no mar, tranquilo, outras ilhas surgem, onde o trabalho escorcha e esmaga centenas de homens.

Logo depois do café, os pobres seres saem do barracão e vão para a parte norte da ilha, onde a pedreira refulge. Trabalha-se dez horas



1909: flâneur e dândi

SABE O QUE UMA IMPRENSA FEITA COM DIVERSIDADE DIZ SOBRE UM PAÍS? TUDO.

O **UnitedHealth Group Brasil** acredita que somente uma imprensa feita com diversidade é capaz de retratar um país em sua plenitude e contribuir de verdade para o avanço da sociedade.

Por isso, parabenizamos os mais de **100 mil profissionais de imprensa** do nosso país, que são um exemplo do compromisso com a mais ampla diversidade de opiniões, comportamentos, crenças, olhares, características e perspectivas.

1º de junho – Dia da Imprensa

Homenagem do UnitedHealth Group Brasil aos diversos profissionais de imprensa do Brasil.

UNITEDHEALTH GROUP®

amil

Americas
Serviços Médicos



A perda que os tornou inválidos é uma espécie de felicidade – a indolência e o sustento garantidos. À beira das calçadas o dia inteiro, têm tempo de se tornarem homens e de ler os jornais. Fazem tudo isso com vagar. Quando um ponto torna-se insustentável, vão para outros e há entre eles relações morfeias que se ligam às úlceras, olhos em pus que olham com ternura os companheiros sem braços e todos guardando as datas do desastre que os mutilou, que os fez entrar para a nova vida com saudade da vida passada”.

(Três aspectos da miséria)

A elogiosa menção de João do Rio à figura do *flâneur* na apresentação do livro *A alma encantadora das ruas* dá a entender que esse galicismo, associado ao anglicismo *dândi*, eram duas palavras que governavam sua cabeça. Também indicavam que suas antenas estavam apontadas para o vanguardismo da Europa, para a contemporaneidade do seu tempo.

O *flâneur*, bem descrito por João do Rio na sua apresentação, é, no fundo, uma figura literária do século XIX, que nasceu em Paris para ser mitificada. O escritor Honoré de Balzac (1799-1850) definiu o procedimento de observar a cidade, a *flânerie*, como a “gastronomia dos olhos”; o poeta Charles Baudelaire (1821-1867) classificou o *flâneur* como “o artista poeta da cidade moderna”.

A figura erudita do jornalista e escritor Victor Fournel (1819-1894)

disse que o *flâneur* era “um daguerreótipo móvel e apaixonado”, fazendo uma feliz associação de contemporaneidade, pois aquele processo de fixar a imagem em folha de prata sobre placa de cobre – hoje um marco pré-histórico da fotografia – era uma das últimas palavras em tecnologia oitocentista.

Pelo menos na sua raiz, isto é, a volúpia e a liberdade de apropriar-se do mundo com a própria individualidade, o *flâneur* tem alguma similaridade com o nomadismo pelas estradas, na esteira do movimento *beatnik*, cujo marco é o livro *On the Road* (*Pé na Estrada*, no Brasil), do americano Jack Kerouac (1922-1969), que, salvo engano, foi a primeira rejeição cultural contra o sistema, qualificação genérica do modo de vida capitalista nas décadas 1960, 1970 e 1980. O estrondoso sucesso do filme *Easy Rider* (1969) (*Sem Destino*, no Brasil) mostrou que, de certo modo, o *flâneur* continuava vivo, a bordo de motocicletas. (Peter Fonda e o estreante Dennis Hooper exploram os Estados Unidos sobre duas rodas; o também estreante Jack Nicholson vai na garupa de um deles). A sobrevivência do *flâneur* urbano traz-me novamente Murilo Felisberto, o *Murilinho*, à lembrança. Ele era um *flâneur* limitado geograficamente ao bairro de Higienópolis, em São Paulo, onde morava. Gostava de admirar cuidadosamente a arquitetura da virada do século e da primeira metade do século XX. Não lhe escapava a crescente presença dos moradores de rua e a abordagem, sempre incisiva, que recebia deles na entrada do seu prédio. “Que saudade do tempo em que os mendigos pediam uma esmolinha pelo amor de Deus”, lamentava. Talvez tenha sido a única pessoa no planeta a chamar táxi para ir da capital paulista a Lavras (MG), sua cidade natal, a 306 km de distância.

Jornalista, parabéns por alimentar o mundo com boa informação.

A Nestlé acredita que informação é um dos alimentos mais importantes para a sociedade.

Porque informação cria opinião, gera conhecimento e ajuda a mudar a realidade de qualquer país.

E nada disso seria possível sem o trabalho do jornalista. Por isso, a Nestlé faz questão de parabenizar todos os jornalistas do país e dizer: obrigado por alimentarem um futuro melhor.

1º de junho, Dia da Imprensa.



Alimentando um futuro melhor



A figura do dândi é aparentada com o *flâneur* por se tratar de um fenômeno urbano dos oitocentos. O dicionário não é benevolente com a denominação, que vem do Inglês *dandy*, e a qualifica pejorativamente como almofadinha ou, mais solenemente, janota,

colocando-a no balaio da vaidade. Talvez seja assim porque o *dândi* tem evidente intenção de se sobressair através de apuro no vestir e modos afetados nos procedimentos e palavras. Movia-o a exigência estética, o refinamento de gosto em geral e a originalidade pessoal, sobretudo no vestir. Em resumo: os dândis não eram engessados pelo recato, tampouco pelas inibições. (A tese de doutorado de Fausto Calaça Galvão de Castro, no Instituto de Psicologia da UNB, pode aprofundar o conhecimento a respeito.)

João do Rio desempenhava bem esse papel e espelhava-se naquele que foi o maior dos dândis, o escritor irlandês Oscar Wilde (1854-1900); certamente influenciou a homossexualidade comum. João foi seu divulgador entusiasmado e pioneiro no País; inclusive, fez uma tradução de *O retrato de Dorian Grey*, que é o livro mais conhecido de Wilde. O diferencial básico entre ambos, por aquilo que se sabe das respectivas biografias, é que João preservou a discrição na sua vida íntima e Wilde chegou a cumprir pena pela prática do homossexualismo, na esteira de um intenso escândalo. (A prisão produziu o belo poema *A balada do cárcere de Reading* e a punição demonstrou que a Justiça foi realmente cega, pois nada mais inapropriado do que condenar um dândi a dois anos de trabalhos forçados.

Provavelmente Wilde não sabia identificar onde uma picareta ou uma marreta começavam.)

Tudo indica que João do Rio alardeava seus dois hábitos, pois a fama de *flâneur* e de dândi talvez seja mais conhecida do que seus textos. Nesse sentido, o legado de sua biblioteca pode oferecer um bom mapa da sua cabeça.

As duas paixões: Wilde e Lorrain

Após a morte do filho, Dona Florência doou seus livros para o Real Gabinete Português de Leitura, na rua Luiz de Camões, no centro do Rio, devido à estreita ligação que o filho manteve ao longo da vida com Portugal; não por acaso tem uma praça com o nome dele em Lisboa, dominada por choupos, no Bairro do Areiro. ▼



Real Gabinete Português de Leitura, onde está a biblioteca de João do Rio

João do Rio, pelos olhos dos estudantes

João do Rio: A voz dos excluídos

O jornalista maldito, que mostrava o Rio de Janeiro que os cariocas queriam esconder

Na virada do século XX, o Brasil vivia um período muito específico no jornalismo. Nessa época, os meios de comunicação eram tomados por notícias que giravam em torno das classes mais poderosas da época. Ao mesmo tempo que os ares eram de modernização, ainda existia uma forte onda de conservadorismo e elitismo. Mesmo assim, alguns jornalistas e escritores arriscaram-se a remar contra a maré.

Quando pensamos nesses revolucionários é inevitável falarmos sobre João Paulo Emílio Cristovão dos Santos Coelho Barreto, ou como popularmente é conhecido, o jornalista e cronista João do Rio. O escritor, que leva o apelido de repórter maldito, foi o responsável por dar voz e espaço para os excluídos.

Filho de dona de casa, Florência dos Santos, e de um professor

de matemática positivista (ideia de que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro), Alfredo Coelho, João do Rio foi ensinado em casa e teve grande influência dos seus pais na sua corrida em dar voz aos moradores dos morros ao largo da cidade. "João do Rio vinha de uma família de abolicionistas, ele, o pai e a mãe foram vistos em várias

Paula Prata

cerimônias a favor da emancipação dos escravos", conta o biógrafo João Carlos Rodrigues. "Ele já era interessado em sociologia, por isso a curiosidade por essa parte específica da sociedade".

João ia contra o que era comum na época e escrevia sobre o que mais ninguém escrevia. O jornalista procurava comunidades pobres, grupos excluídos socialmente, religiões marginalizadas e dava a oportunidade para que essas pessoas pudessem apresentar o que elas eram e o que significavam. João Carlos explica que, "para se ter sucesso no jornalismo, é preciso que você escreva sobre o que as pessoas não escrevem" e que João do Rio tomou isso como uma missão e a cumpriu com maestria.

Com uma carreira cheia de grandes marcos, João do Rio foi o primeiro brasileiro a fazer



Wander Rocha


 ESPECIAL
DIA DA IMPRENSA

 João
DO RIO

O prédio do Real Gabinete exibe o estilo neomanuelino em homenagem ao nosso descobridor sob o cetro de Dom Manuel, o Venturoso, conforme aprendemos na escola, e sua fachada remete ao célebre Mosteiro dos Jerônimos onde estão, lado

lado, em túmulos esculturais, Vasco da Gama e Luís de Camões. Devido à arquitetura, somado ao rico mobiliário, o Gabinete está em quarto lugar entre as 20 mais bonitas bibliotecas do planeta, segundo seleção da revista Time, em 2014.

A biblioteca, que tem 4.042 volumes, entre eles os que João do Rio herdou do pai, revela surpreendente diversidade: 2.589 obras em francês; 913 em português; 224 em italiano; 166 em espanhol; 143 em inglês; 17 em latim, o que explica suas citações do poeta Horácio.

Significativamente, esse acervo guarda 12 obras de Oscar Wilde e nove do francês Jean Lorrain. (Convém destacar esse segundo escritor, cujo nome real era Paul Alexandre Martin Duval [1855-1906].)

Libertino incurável, Lorrain dedicou sua vasta obra aos bastidores da devassidão parisiense, a promover ruidosamente a própria homossexualidade, além de ser um caçador e provocador de escândalos. Foi jornalista ativo e militante, particularmente na crítica literária, e, nesse capítulo, sua pena ferina contra o livro *Os Prazeres e os Dias* resultou em um duelo a pistola com Marcel Proust, seu desafiante, em 6 de fevereiro de 1897. O enfrentamento deu-se na solidão da Floresta de Meudon, tradicional lugar desses embates, fora das portas da cidade, que eram os pontos de entrada a Paris nos tempos medievais, longe das vistas da polícia. A melhor passagem do episódio é que Proust marcou o duelo para depois de meio-dia, para não ser obrigado a madrugar, confirmando sua paixão pela cama, também

como mobiliário. De acordo com seu conhecido estilo de vida, e alheamento do mundo ao redor, seria caso de perguntar se ele não se perguntaria se o cão do gatilho latia. Ambos foram poupados pela má pontaria mútua.

Algo parecido, e com motivação semelhante, deve ter ocorrido no duelo com o maravilhoso contista Guy de Maupassant, salvo engano um embate sem maiores registros. Caso fosse bom atirador, Lorrain seria o maior exterminador da melhor literatura francesa. Essas aventuras rocambolescas deviam fascinar João do Rio, justificando seu interesse sobre Lorrain. Mas, sobretudo, a atenção, talvez com uma ponta de inveja, se devesse à liberdade de Lorrain em viver a sua sexualidade.

Uma terceira paixão: Isadora!

Essa afinidade com pessoas que fogem dos padrões habituais de comportamento certamente foi responsável pelo trepidante – eis o adjetivo adequado – encontro entre João do Rio e a lendária bailarina Isadora Duncan (1877-1927) no Rio de Janeiro, entre agosto e setembro de 1916. Ela vinha de Salvador, onde iniciara sua excursão de algum roteiro erótico-cultural. Mal chegada ao Rio, informa a crônica da ocasião, conheceu Oswald de Andrade no Hotel Santa Tereza, no bairro do mesmo nome, para ter com ele um namoro instantâneo. Talvez fosse um procedimento do seu feitio, pois teria



Jean Lorrain, um dos ídolos de João, por volta de 1900

Estúdio Benque, Paris

João do Rio, pelos olhos dos estudantes

um trabalho extenso de reportagem investigativa para expor o que a burguesia carioca se esforçava para esconder, uma parte do Rio não tão popular. O repórter maldito infiltrava-se no meio das comunidades marginalizadas pela população e pela mídia da época, e as escutava, sem medo ou preconceito, para apresentá-las em suas matérias. Era a realidade dos excluídos que ele noticiava de uma forma bem próxima.

Entre os favelados, moradores de mocambos, negros, homossexuais e líderes de religiões africanas, João do Rio era, ao que tudo indica, muito bem recebido. Essa recepção, aliás, foi o que possibilitou que escrevesse grandes clássicos como *As religiões do Rio*, *A alma encantadora das ruas* e *Vida vertiginosa*. Sua escrita fez com que se tornasse um nome notável no jornalismo brasileiro.

Odiado pela elite e amado pela massa,

João do Rio morreu aos 39 anos em 1921 e teve um dos maiores féretros do Rio de Janeiro, com o comparecimento de cerca de 100 mil pessoas. João do Rio, com seu legado nas várias áreas em que atuou, entrou para a história do Jornalismo, da Literatura, do Teatro e da própria cidade do Rio de Janeiro.

NA ERA DA DESINFORMAÇÃO,
UM ANTÍDOTO:
UMA IMPRENSA FORTE E LIVRE

2PRO
comunicação

www.2pro.com.br f 2PRÓ Comunicação



ESPECIAL
DIA DA IMPRENSA

João
DO RIO

publicada em 2017 para celebrar os 90 anos de morte da dançarina, a jornalista Frima Santos reconstituiu aqueles dias, a partir do acervo de O Globo. Durante a movimentação pela cidade, o casal era saudado por gritos de uma turba juvenil: “Viva Isadora!, Viva João do Rio”, manifestações que dão uma ideia do rebuliço provocado pelos dois. Porém, o momento mais icônico, como se costuma dizer hoje em dia, ocorreu sob a proteção e o recato da Floresta da Tijuca. Nessa altura, o lugar já estava consolidado como ponto de passeio da população carioca. O contexto é tão sedutor, que vale descrever.

Na primeira metade do século XIX, o lugar fora arruinado pela de-

vastação florestal e pelo cultivo desorganizado da cana de açúcar e de café. A degradação ambiental afetou os mananciais, prejudicando severamente o abastecimento de água da cidade. Por isso, o imperador Dom Pedro II ordenou o urgente reflorestamento e em 13 anos foram plantadas cerca de 100 mil árvores. É justo lembrar que esse trabalho foi feito por escravos pertencentes à Coroa, circunstância que coloca o País em mais um débito com o cativo. Portanto, a acuidade de um imperador, que outros governantes, distribuídos

por todo o País, não teriam no futuro, o Rio de Janeiro foi dotado de uma área ambiente medindo 39,6 km², que constitui a maior floresta urbana nativa do mundo.

A Cascatinha da Tijuca já se sobressaía como uma das principais atrações do parque. Fica a 500 m da entrada principal e faz jus à admiração, pois tem uma elegante queda de 35m, na qual a água desce sobre um paredão de rocha negra, como se fossem degraus.

Ali, naquele dia, Isadora dançou exclusivamente para João do Rio, enrolada num manto de filô. O palco era constituído pelo jerivá, com suas penas de coquinhos dourados; por outra palmeira, o palmito Jussara, com seus frutos escuros; pelos cachos amarelos da Chuva-de-Ouro. Deviam voar por ali sabiás, periquitos, tucanos, tico-ticos e até uma paca ou cachorro do mato deviam rondar – todos habitantes da floresta. Provavelmente o privilégio de João do Rio em desfrutar de um espetáculo daquela dimensão foi negado a Auguste Rodin e Pablo Picasso, clássicos e notórios admiradores de Isadora.

No dia 14 de setembro de 1927 Isadora Duncan estava em Nice, na Riviera Francesa. À noite, ela era passageira de um automóvel francês Amilcar, conversível, que devia ser a maior novidade em carro esportivo: o azul real que destacava os frisos cromados, três marchas, quatro cilindros e 18 HP que o levavam à espantosa velocidade de 80 km/h. Usava um cachecol exageradamente comprido; uma das pontas se prendeu à roda traseira e ela morreu estrangulada, com o pescoço quebrado.

O cachecol era propositadamente vermelho, em homenagem ao Comunismo, que ela havia adotado. Também defendia o amor livre, atacava o balé por considerar que afetava a liberdade da dança e, nesse terreno, pelo mesmo motivo em relação aos movimentos do corpo, abominava o espartilho, aquela espécie de armadura que as mulheres usavam sob a roupa para disfarçar as gorduras sobressalentes e parecerem, em bom português da época, mais adelgadas.

Os últimos momentos

Após tomar café com Dona Florência, lá em Ipanema, João do Rio foi para a redação onde uma agenda tranquila estava à sua espera. Teve um encontro com o deputado Maurício de Paiva Lacerda, que passou no jornal para deixar um artigo e certamente engatou uma conversa. Ex-prefeito da histórica cidade de Vassouras (RJ), Mauricio teria dias conturbados nos breves anos seguintes. Vinha de uma família política militante, ele próprio, membro do Partido Comunista Brasileiro, cujos dois irmãos, Paulo e Fernando, eram dirigentes da



A amiga Isadora Duncan

A **verdade** deve caminhar com liberdade!
A **liberdade** deve caminhar com diversidade!
A **diversidade** deve caminhar com inovação!

A Intel acredita na verdade, liberdade, e principalmente na diversidade, como pilares fundamentais para a evolução!
Sem diversidade, não há inovação!

Parabéns a todos os profissionais de Imprensa!





agremiação, portanto, quadros importantes. (O partido somente seria oficializado em 1922, mas, na prática, já funcionava e fazia suas pregações.) Em 1936, Mauricio seria preso, acusado de participar da célebre Intentona de 1935, movimento armado fracassado do PCB, que produziu dois resultados permanentes: intentona tornou-se uma palavra usada apenas uma vez por ano, para se referir à data do levante e criar o fantasma do comunismo que sobrevoa o País até hoje.

Naquela visita ao A Pátria, Mauricio já era pai de Carlos Lacerda (1914-1977), que se revelou uma personalidade riquíssima. Militou no PCB, rompeu e tornou-se um crítico feroz, como sempre ocorre nessas situações. A julgar pelo histórico dos governadores cariocas, ele foi o único competente – 1960-1965. Encaminhou a solução à eterna falta de água da cidade com o Sistema do Guandu e arejou a cidade com a construção do Parque do Flamengo. Mas, politicamente, foi extremamente controverso. Entrou para nossa História como protagonista essencial no suicídio do presidente Getúlio Vargas; envolveu-se na tentativa de golpe contra a posse de JK em 1956; foi ativo no golpe contra Jango Goulart em 1964. Mas, em seguida, obedecendo a seu temperamento agressivo, rompeu com os militares, foi cassado e, como todo nome importante caído em desgraça, tornou-se colunista da revista Manchete, à semelhança de Carlos Heitor Cony e de Irineu Guimarães, ambos perseguidos pelo regime militar: Adolpho Bloch também daria abrigo a JK e essa virtude da solidariedade ninguém lhe pode tirar. Era atribuída à experiência da sua família durante os primeiros anos de bolchevismo na União Soviética e posteriormente asilada entre nós. (Tive ordem de secretariar Carlos Lacerda por uma semana, durante estadia em São Paulo nos idos de 1972, conforme instruções

de Adolpho Bloch à sucursal paulista. Numa daquelas manhãs ele me passou o artigo da semana seguinte, pedindo-me, generosamente, que desse uma olhada. Li e, do alto dos meus 24 anos, meti a caneta. Ele riu misericordiosamente, algo que percebi muito tempo depois, e me presenteou com seu então recente livro *O Cão Negro*, que reunia artigos e textos reflexivos, dizendo que o título era uma homenagem a Winston Churchill, seu maior ídolo. Esclareceu que cão negro era o nome que Churchill dava às suas crises de depressão. Lacerda fundou a Tribuna da Imprensa e teve dois momentos significativos na rotina da imprensa brasileira: na juventude ele e Samuel Wainer formaram uma dupla lendária de repórteres do mesmo calibre histórico numa mesma publicação, em O Jornal, de Assis Chateaubriand. Mais tarde, a pedido de Samuel Wainer, seu ex-amigo íntimo, o cartunista Lan, falecido no ano passado aos 95 anos, criou a célebre caricatura de O Corvo, um urubu com os conhecidos óculos de aro grosso e negro de Lacerda, que fez todo o País rir por muitos anos.)

Naquele seu último dia, João também combinou com um amigo para ver a encenação de *Tristão e Isolda*.



João do Rio, pelos olhos dos estudantes

Lutas sem fim de João do Rio

As várias polêmicas do jornalista e escritor

Em sua trajetória, João do Rio enfrentou muitos inimigos. Sua verborragia e pendor para a polêmica fizeram dele alvo de vários setores da sociedade, principalmente os mais ricos, que atacava com prazer. Atacava até mesmo a mudança de fisionomia do Rio de Janeiro de sua época, pois via nesse movimento muito de provincianismo. Embora aplaudisse alguns dos aspectos das transformações, lamentava a perda do "estômago da cidade", como se referia aos lugares antigos que foram impiedosamente destruídos pelas picaretas da transformação. Na crônica, *O velho mercado*, de 1909, lamentou a perda de parte da memória da cidade.

"Acabou de mudar-se ontem a Praça do mercado. (...) Que nos resta mais do velho Rio antigo, tão curioso e tão característico? Uma cidade moderna é como todas as cidades modernas (...) de súbito, da noite para o dia, o Rio compreendeu que era preciso ser tal qual Buenos Aires, que é o esforço

despedaçante de ser Paris, e ruíram casas e estalaram igrejas", registrou na revista *Cinematógrafo*, na coluna *Crônicas Cariocas*.

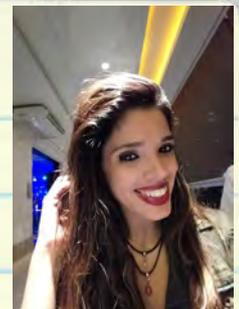
Entrar na Academia Brasileira de Letras (ABL), por sua vez, um sonho de dez entre dez escritores de sua época, foi uma vitória que demorou muito a chegar. Só o conseguiu da terceira vez, em 1909, quando derrotou o general Dantas Barreto, conquistando a cadeira de número 26. Havia perdido, da segunda vez, para outro militar, o Barão de Jaceguai, herói da Guerra do Paraguai. Foi o primeiro a tomar posse com o fardão dos imortais, mas teve que enfrentar, segundo a doutora em estudos literários Gilda Vilela Brandão, a verve do poeta Emilio de Menezes, conhecido por sua irreverência, que escreveu: "Na previsão de próximos calores, a Academia que idolatra o frio, não podendo comprar ventiladores, abriu as portas para João do Rio". Não era à toa a ironia do poeta. O ingresso na ABL de um mulato homossexual pode ser consi-

Talita Altruda Crispim

derado um marco na história da instituição, famosa por seu conservadorismo.

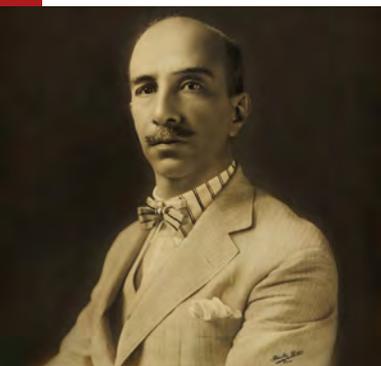
Em 1902, João do Rio até tentou seguir uma carreira além dos jornais. Dirigiu-se até o Itamaraty, que na época buscava jovens letrados e intelectuais, porém foi recusado pelo Barão do Rio Branco. Faltavam ao aspirante determinadas características necessárias para a vaga: a aparência, a sexualidade e a cor da pele.

Admirador do escritor irlandês (e também homossexual assumido) Oscar Wilde, leu toda a sua obra e traduziu para o português a peça *Salomé* e os livros *O retrato de Dorian Gray* e *Intenções*. Acusado de bajular figuras importantes da política e de estar ligado à política dos governadores, sistema instaurado no governo de Campos Salles (1898-1902) – por meio do qual os Estados passaram a ter influência na escolha dos





praticamente por todas as redações do Rio. Naquela altura estava bem resolvido financeiramente, pois além dos empregos sempre à mão, dado o seu prestígio e talento, seus livros e palestras rendiam bem: *As Religiões do Rio* vendeu oito mil exemplares na primeira edição,



Irineu Marinho

A agenda de A Pátria – fundado por ele no ano anterior – também era amena naquele dia, pois, apesar do título de caráter cívico-político, dedicava-se praticamente à literatura e às artes em geral. Era uma espécie de repouso daquele guerreiro que passara

resolvido financeiramente, pois além dos empregos sempre à mão, dado o seu prestígio e talento, seus livros e palestras rendiam bem: *As Religiões do Rio* vendeu oito mil exemplares na primeira edição, número que seria festejado com entusiasmo em nossos dias. Consta, inclusive, nesse terreno de cifrões, que emprestou 20 contos de réis para Irineu Marinho fundar A Noite em 1911, iniciando um caminho que daria no Grupo Globo. (Especialistas em conversão de moedas avaliam que essa quantia equivaleria a 2,6 milhões de reais.) Além da qualidade jornalística, A Noite caracterizou-se pelo bordão original dos vendedores de jornais nas ruas, inspirado na fatura de ilustrações que fugiam dos

padrões convencionais: “Olha a Noite! Quem não sabe ler, vê figura!”

À noite, por volta das 10 horas, tomou um taxi para voltar a Ipanema (Nesse tempo o Rio já exibia pontos de automóvel, embora o sistema habitual ainda fossem as garagens, onde se podia contratar corridas pelo telefone, feitas normalmente pelos chamados Ford bigodes, saídas da revolucionária linha de montagem inventada por Henry Ford.)

Acomodou-se no taxi e começou a passar mal. Pediu ao motorista, ou “chofér”, como se dizia na época, para providenciar um copo de água. O infarto chegou fulminante, aos 39 anos.

Calcula-se que ocorreu antes da meia-noite.

A julgar pelo noticiário da época, a morte de João do Rio comoveu intensamente a cidade. Calculou-se que o sepultamento juntou cerca de 100 mil pessoas. Talvez possa haver algum exagero, pois corresponderia a 10% da população da cidade. Em todo caso, teria tido, proporcionalmente, impacto semelhante a dois dos maiores sepultamentos que o Rio assistiria no futuro, respectivamente do cantor Chico Alves (1952) e da cantora Carmen Miranda (1955), que arrastaram cerca de 500 mil pessoas. Existe um filme de 13 minutos descrevendo o sepultamento, desde a sede de A Pátria, no Largo da Carioca, até o Cemitério de São João Batista.

Toda a cerimônia foi sobrevoada por um certo clima de tensão. De imediato Dona Florência, a mãe do escritor, optou em levar o velório para a redação de A Pátria, em vez do saguão da Academia Brasileira de Letras, como era de praxe. Na época, a ABL ocupava uma das alas de um edifício público, o Silogeu Brasileiro, demolido nos anos 1970, que se erguia no chamado Passeio Público. (Em 1923, a entidade iria para sua atual sede, o Petit Trianon, doado pelo governo francês,



Estima-se que 100 mil pessoas acompanharam o funeral de João do Rio

João do Rio, pelos olhos dos estudantes

candidatos à Presidência da República –, respondia produzindo cada vez mais. “Criticam-lhe a indumentária sofisticada, a aparência esnobe e a adiposidade, provocada, provavelmente, por problemas de hipertireoidismo”, afirma Gilda.

Quando sai do jornal O País e funda o seu próprio veículo, A Pátria, seus desafetos, principalmente Humberto de Campos e Alberto Torres, rebatizam, maldosamente, o jornal de A Mátria. Aliás na composição *Língua*, Caetano Veloso faz referência à expressão: “A língua é minha pátria e eu não tenho pátria, tenho mátria e quero fáttria”. A prostituição, o lesbianismo e o sadomasoquismo, que causavam escândalo, são temas sempre presentes em sua pena ferina. No conto *Histórias de gente alegre* relata um caso de lesbianismo envolvendo Elsa e Elisa, em um quarto de pensão.

Talvez a maior polêmica que enfrentou, entretanto, entre todas, foi a acusação de lusitanismo que enfrentou pelo fato de ter defendido a enorme comunidade lusitana do Rio, que dominava o comércio da pesca até por volta de 1910.

Repórter híbrido – Para Patrícia Paixão, professora do Mackenzie e da Universidade São Judas, um dos motivos de ele ser considerado polêmico são suas ideias, extremamente à frente do seu tempo: “João do Rio era um repórter híbrido, que sabia se movimentar por todas as classes sociais. Suas ideias eram progressistas demais para a época, quando as matérias eram mais elitistas do que hoje. No entanto, ele foi o primeiro repórter investigativo do Brasil e o primeiro a lidar com temas de direitos humanos, entrevistando desde prostitutas a moradores de rua. Também foi pioneiro em reportagens sobre a chegada dos automóveis ao Brasil e o pai do jornalismo literário”.

Também professor da Universidade São Judas, Cezar Zamberlan considera que o “repórter maldito”, como era conhecido, deve ser interpretado como uma figura de sua época: “Devemos ler seus textos com essa ótica e, óbvio, ponderar essas questões e fazer as ressalvas necessárias, deixando claro que a sociedade evoluiu, que hoje algumas afirmações seriam totalmente rejeitadas. É preciso tomar cuidado com

juízos anacrônicos. Aquela era uma outra época, num outro contexto, e é muito mais fácil criticar o posicionamento de uma pessoa do que tentar entender sua posição, como alguém que sofre e também é alvo de discriminação”.

O jornalismo brasileiro da época de João do Rio, explica Patrícia, era muito parecido com o europeu da mesma época: sem dados ou evidências nas informações, mas carregado de desinformação. Talvez a maior polêmica que enfrentou, entretanto, entre todas, foi a acusação de lusitanismo que enfrentou pelo fato de ter defendido a enorme





que o construiu para abrigar o pavilhão da França na *Exposição Internacional de 1922*, realizada em homenagem ao centenário da Independência.) A escolha de Dona Florência respeitava os sentimentos do filho. Ele havia se afastado da Academia para não

conviver com o escritor Humberto de Campos, empossado em 1919. Ambos se estranhavam desde que João do Rio, anos antes, havia publicado uma crítica literária desfavorável ao colega, recebendo em troca tratamento homofóbico. Sabemos todos que reações como a de Humberto de Campos são automáticas, viscerais e comuns quando, na falta de melhor argumento, alguém tem pela frente um oponente negro ou homossexual.

João do Rio foi embalsamado para o corpo atravessar o fim de semana e descer na tarde de domingo. Trechos da cobertura de *A Noite* dão uma ideia do velório e destacam-se pela autocomiseração corporativa.

“As homenagens sentidas, brilhantes e geraes que lhe foram prestadas, e por tantas formas demonstradas até a última hora, são um consolo para seus amigos e aquelas que, como nós, viveram esta vida de amarguras, de injustiça e de ingratidões diárias, que é a vida de jornalista. Sem ser um espírito combativo por excellencia, Paulo Barreto foi, todavia, um dos homens mais combatidos, mais criticados e mais injuriados de quantos estiveram no pelourinho da imprensa carioca nos últimos quinze anos.

Milhares de pessoas de todas as classes sociais, intelectuais, políticos, banqueiros, comerciantes, industriaes, empregados do commercio e operários foram dar os últimos adeuses.

Uma das visitas mais impressionantes foi a do conselheiro Ruy Barbosa, que chegou ali a uma hora da tarde. O grande brasileiro, visivelmente impressionado, conservou-se alguns minutos em recolhimento diante

do rosto pálido de Paulo Barreto que, cuja memória teve depois com os colegas de A Pátria, os mais rasgados elogios.

Depois de hora e meia da tarde foi suspensa a visitação a fim de ser dado início aos preparativos de enterramento”.

“O movimento naquele trecho da Rua Chile e, em frente à Avenida rio Branco, aumenta de minuto a minuto. A multidão se estende pela maior artéria urbana para os lados do Monroe (NdaR: Palácio Monroe, que foi sede do Congresso Nacional até a transferência da capital para Brasília), que é por onde seguiu o cortejo rumo ao Cemitério de São João Baptista.

À hora em que escrevemos estas linhas, dão-se as últimas providências para o saimento, marcado para as três horas da tarde.

A Noite fez-se representar nos funerais de Paulo Barreto pelo seu diretor, Irineu Marinho, e por uma comissão de sua redacção e de sua administração. Irineu Marinho enviou uma linda coroa de flores naturaes e o pessoal de A Noite outra, também de flores naturaes”. (A preocupação com esse detalhe pode revelar o pouco prestígio das coroas artificias, se é que existiam, ou para ficar patente que as flores levadas não haviam



Dona Florência Barreto e Diniz Júnior, redator-chefe de *A Pátria*, diante da Igreja da Candelária, no Rio, após a missa pela alma de João do Rio (Fonte: Revista da Semana, 9/7/1921 – Acervo Real Gabinete Português de Leitura)

João do Rio, pelos olhos dos estudantes

comunidade lusitana do Rio que dominava o comércio da pesca até por volta de 1910.

João do Rio lusitano – João do Rio deu voz aos pescadores portugueses, o que enfureceu os nacionalistas. Em outubro de 1920, cinco militares da Marinha cercaram o escritor num bar, na Galeria Cruzeiro, e o espancaram. O ataque foi condenado por vários políticos e intelectuais, entre eles Ruy Barbosa.

Antes de morrer, João do Rio virou alvo de novos ataques, dessa vez por parte da Ação Social Nacionalista, movimento xenofóbico

de direita fundado em 1920 e que tinha como lema *O Brasil é dos brasileiros*. Uma lei de nacionalização da pesca foi o estopim para a agressão. A medida impedia que portugueses, que na época representavam um quarto da população do Rio de Janeiro, continuassem trabalhando num setor que havia anos era dominado por eles.

João do Rio descreveu as paisagens cariocas, e deixou para os leitores um mapa do Rio de Janeiro cultural, indicando como as decisões políticas da época influenciavam no espaço urbano. Além disso, colocou

a população e seus costumes como protagonistas em suas crônicas, sua arte ressalta como as diferentes classes sociais interagiam em uma cidade que estava tentando se adaptar às novidades da época. Segundo seus biógrafos, o escritor e jornalista publicou mais de 2,3 mil crônicas. A última, escrita em 23 de junho de 1921, poucas horas antes de sua morte, guardava um título sugestivo: *A crise brasileira e a decadência do Brasil*. Até na hora de morrer fazia questão de preservar a veia polêmica.

Questionar e informar com liberdade e transparência são características de uma imprensa forte. No Dia da Imprensa, nosso obrigado aos profissionais que fazem dela um pilar da nossa democracia.

DOW





famoso fardão, naquele ano de 1910; até então, a cerimônia dava-se com banal traje de passeio. (O fardão, inspirado nos costumes da Academia Francesa, traz um ramo de café bordado sobre cambraia inglesa com fios de ouro importados da França. Tradicionalmente, é custeado pelo Estado em que o eleito nasceu e sua confecção, atualmente, está orçada em 68 mil reais. A cadeira de nº 26, é ocupada atualmente por Marcos Vilaça.



João foi o primeiro a tomar posse, em 1910, usando o fardão da Academia Brasileira de Letras

sido colhidas em jardins públicos ou nos quintais, procedimento que talvez fossem habituais nos velórios.)

Além das glórias literárias, ele entrava para os anais da Academia Brasileira de Letras como o primeiro imortal a envergar o



Marcos Vilaça, atual ocupante da cadeira de nº 26 na ABL, em foto de 2018

João do Rio continuou absorvendo a atenção da imprensa carioca durante toda a semana entrante a partir do dia 27 de junho de 1921, fosse em artigos ou editoriais. Vale à pena destacar duas dessas manifestações que desenham o complexo impacto provocado pela sua figura no cenário cultural da época, através de dois dos seus colegas imortais.

"Paulo foi um clarão riscado de sonhos. Um grande clarão. Acendeu-se lhe ainda muito jovem o espírito infatigável. Era um espectáculo. Acabou. Desceu o pano. E nem ao menos podemos chamar à cena o autor, que, no velocíssimo e irretornável automóvel da morte cedo fugiu do tablado e se foi ocultar nas nuvens doiradas ou, quem sabe, no fumo do seu próprio fogo que terminou queimá-lo." (Filinto de Almeida, cadeira nº 3).

"Ele era um humorista no profundo, no alto, no essencial sentido da palavra.

Fixo a crítica a um ponto: o estylo de João do Rio, que era dele, dá a impressão do espírito colectivo de nossa metrópole, desse espírito frívolo, superficial, sympathico e brilhante, tendendo a absorver todas as modalidades nacionais; escravo da imitação estrangeira, mas tentando combinar inconscientemente os grandes e confusos temas da nossa evolução. Eu desejava apenas prestar um tributo de apreço à memória de um colega que eu admirava e continuarei a admirar.

Que a alma redempta de Paulo Barreto receba esta homenagem de um inimigo." (Alcides Maya, cadeira nº 4)

Epílogo

À semelhança do Père La Chaise, de Paris, e do La Recoleta, de Buenos Aires, o Cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro, também está inscrito nos respectivos roteiros turísticos nacionais em razão da quantidade de figuras famosas que abrigam. Ali no São João Batista descansam celebridades para todos os gostos, e a presença do trio Tom Jobim, Santos Dumont e Luiz Carlos Prestes atesta a diversidade.

Talvez o Mausoléu da Academia Brasileira de Letras (quadra 29 nº 1778

João do Rio, pelos olhos dos estudantes

Crônica

João do Rio, o jornalismo firme, atual e justo

João do Rio é uma afirmação do verdadeiro jornalismo. João falou aos jornais sobre moradias precárias, favelas e marginalizados. Deu voz às ruas. Apresentou sua cidade violenta, mas vibrante com a cultura popular.

Fiel intérprete de um dos períodos históricos mais importantes da história do Brasil, os anos iniciais da Primeira República, além de escritor de grande talento, ele conseguiu legitimar o Rio de Janeiro na sociedade conservadora. Afinal, era homossexual e de ascendência negra.

João não é apenas o "cara" que introduziu a reportagem e a modalidade de jornalismo seriado no País. Ele teve a certeza de que uma investigação jornalística em profundidade poderia caber, além dos jornais, nos livros.

Solteiro, sem namorada ou amante conhecida, muitos de seus trabalhos mostram uma tendência homossexual óbvia. Ousou, desse modo, desafiar os estereó-

tipos da sociedade sobre homossexuais.

Para defender novas ideias no campo político e social, a sua figura de "cabelos grandes, esguios, muito escuros e lisos" tornou-se um alvo ideal para vários ataques. Se o homossexual atualmente é deslegitimado, dá para imaginar nos verdes anos da Primeira República?

Não é por acaso que seu nome ficou em silêncio por décadas, e somente a partir dos anos 1970 sua obra passou a ser gradativamente resgatada nas faculdades de Jornalismo e nas editoras. O distinto leitor (ou leitora) já reparou que não há exposição, monumento, placa ou memorial, na sua cidade e no Brasil, que expresse a gratidão que deveríamos ter pelo patrimônio construído por esse importante jornalista de outros tempos?

João renovou o jornalismo na arte de informar a sociedade, colocou luz nessa atividade. As vozes das ruas ecoam em sua literatura por causa de sua maestria. João

Gabriela Nolasco

precisava nascer para ter essa missão no jornalismo. A visão que temos hoje de apurar, investigar, coletar e analisar as informações deve-se

em grande parte ao pioneirismo desse visionário. Se hoje temos o jornalismo cobrindo as ruas, saindo das redações ou estúdios, ele foi o primeiro que teve a inquietude de saber o que as vozes de fora estavam dizendo e com isso tirou o jornalismo brasileiro de sua introspecção.

Nosso homenageado foi o primeiro cão de guarda da sociedade. Imagina se não houvesse João do Rio cem anos atrás, como seria o Brasil em 2021?

Já estava escrito na essência da Terra ter o jornalismo em nossas vidas. A internet conecta cidades, estados, países e continentes, mas se a informação não for apu





Ribeiro Couto (1898-1963) é, por enquanto, exceção, pois, por haver falecido na França, seu corpo foi embalsamado devido à viagem para cá e assim, intacto, permanece.



Túmulo de João do Rio no cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro (Foto de José Roitberg) – A inscrição lateral é "A ironia é o lyrismo da desillusão", atribuída a Godofredo de Alencar, outro pseudônimo de João do Rio

E), aberto em 1962, seja, com seus 67 nomes a maior concentração de famosos do País reunidos sob uma única lápide. Ali há 32 túmulos, que funcionam no sistema rodízio conforme a antiguidade dos sepultados, cujo destino final é o nicho. Porém o escritor santista

A quantidade de novas presenças no mausoléu cresce com certa regularidade, pois um levantamento constatou que morrem em média, três acadêmicos por ano. Sua inauguração, em 1963 deveu-se ao alto custo das cerimônias e vicissitudes de cada sepultamento. Mas João do Rio não está ali, a julgar pela sua campá. A inscrição do rico túmulo, pródigo em caros ornamentos de mármore e de bronze, sinaliza sua origem: "Erigido por subscrição popular sob o patrocínio do Real Centro da Colonização Portuguesa do Rio de Janeiro". (O tratamento de "imortais", dado aos membros da Academia é atribuído à inscrição *Ad Immortalitatem*, da Academia Francesa, que inspirou a nossa. A propósito, Olavo Bilac teria justifi-

cado a qualificação pretensiosa com esta frase. "É porque não temos onde cair mortos".)

O cemitério é de 1842. Embora tenha se tornado ponto de encontro de famosos, seus primeiros ocupantes foram as anônimas vítimas da febre amarela, doença que assolava o País, e particularmente o Rio de Janeiro, no século XIX.

A longa *A Balada do Cárcere de Reading*, escrita por Oscar Wilde em 1897, é composta de 109 sextilhas em versos octossílabos e hexassílabos. É justo encerrar este texto com dois versos significativos da última estrofe, que provavelmente tenham comovido João do Rio tanto na identificação homossexual, como nos amores mal vividos. Ou não experimentados.

*Apesar disso – escutem bem –
Todos os homens matam a coisa amada
(And all men kill the thing they love
By all let this be heard)*



João do Rio, pelos olhos dos estudantes

rada por um profissional, dificilmente será a correta. Ser jornalista é um ato político e ao mesmo tempo uma profissão atacada, principalmente nesses tempos autoritários. O ser humano dificilmente aceita uma mensagem que não seja da vontade dele. As pessoas costumam acreditar em sua própria verdade, e o jornalismo busca a verdade da sociedade.

Talvez se João do Rio estivesse conosco na era da internet, seria bombardeado e cancelado pelo "tribunal" da rede internacional de computadores. Ninguém agrada a todos, imagina o João! Suas literaturas estariam estampadas em *links*, *tweets* e *posts*. As *fake news* jamais seriam toleradas por ele, muito menos o achismo. O jornalista certamente estaria investigando governos, deputados, senadores e vereadores, sem deixar de conectar-se com as favelas para entender o motivo de a crescente fome afligir o País, e, passados cem anos, milhares de cidadãos não terem acesso à

internet, educação de qualidade, saúde e energia. Não tenho dúvidas em afirmar que João seria uma figura emblemática, assim como foi em sua época, se vivesse nos dias de hoje.

Mas ele iria além. Contaria também as histórias dos heróis da cidade do Rio e de tantas outras. Exaltaria os verdadeiros lutadores, o povo trabalhador. Não aceitaria as chacinas constantes nas periferias das grandes cidades brasileiras. Teria o

mesmo sentimento que a grande maioria dos nossos colegas: "Por que isso está acontecendo?" Nós temos o poder de contar essas histórias, mas nos sentimos de "mãos atadas" por não conseguir ir além.

A luta é o conto. O jornalismo trabalha para a sociedade. Se não tivermos mais histórias, não teremos mais jornalistas. É estranho ter que contar as revoltas, mas se não fosse por nós, como as pessoas seriam escutadas? Pela internet? Em uma época

em que cada vez mais as pessoas descredibilizam as outras? Em que as notícias falsas espalham-se mais rápido do que uma notícia verdadeira? Se mentiras são desmascaradas, agradecemos ao santo jornalismo. Vivemos do jornalismo para a mentira não ser contada. A verdade é a única essência pura do mundo e o jornalismo salva vidas.

João, você deu luz para todos nós entendermos nossa posição de vida. A luta pela verdade é dar vida para o povo.





João do Rio: é caçador e a verdade, sua pauta

Por Assis Ângelo

 (Para **Oswaldo Mendes**, craque do teatro e do jornalismo, último editor do jornal Última Hora)

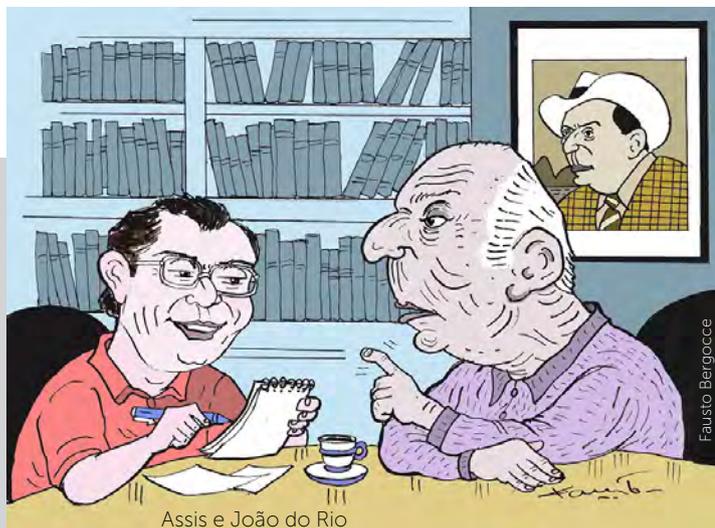
João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto...

Não se perca pelo nome
Meu colega jornalista
Meu colega de bancada
Meu colega de revista

Ele foi um bam, bam, bam
Foi um cara especial
Inventor da reportagem
Pra revista e pra jornal

Antes dele não havia
Reportagem de verdade
Entrevista com o povo
Falando de liberdade

Foi ele quem botou luz
Onde tinha escuridão
A imprensa deve a ele
Muito mais que gratidão



Assis e João do Rio

Fausto Bergocce

A história de **João do Rio** é uma história incrível. É a história de um homem que profissionalizou o jornalismo, que inventou a reportagem. Foi o cara que pôs no jornal a cara do povo, a cara das ruas, da vida fora do aconchego capitalista.

Era um cara destemido. Subia e descia morros à procura de histórias.

Todos pensam que ele morreu aos 39 anos de idade. De colapso num táxi, enquanto se dirigia a um teatro num começo de noite.

Eu conheci esse João em 1975.

Eu o procurava havia muito tempo. E falando com um aqui e outro ali, descobri que vivia num bairro de Salvador. Discretamente, num casarão muito bonito. Daqueles antigões. Bem conservado, com cheiro de passado e de histórias. Nada lhe faltava.

Era tranquilo até no arrastar das pernas.

Cheguei por volta das 10 horas de um sábado primaveril, sem avisar. Bati à porta, e um senhor de poucos cabelos, rosto liso, sem barba, atendeu-me com um sorriso. "Quem é você?", perguntou

baixando delicadamente os óculos banhados a ouro, ou de ouro, não sei. Bonitos.

Identifiquei-me e ele, generosamente, convidou-me a entrar. "Como você chegou até aqui?", perguntou, olhando-me fixamente. "Quem me deu seu endereço foi Olegna".

E antes de eu dar mais detalhes, ele balançou a cabeça dizendo de modo até engraçado: "Ah, o Olegna, amigo do Caymmi. Que linguarudo! Mas enfim, o que traz você até mim?".

Fui direto: "Uma entrevista para o jornal O Trabuco. Gostaria que o senhor respondesse algumas perguntas sobre a sua trajetória na imprensa".

Ele fez hmmm... E perguntou: "O que é que você sabe a meu respeito?".

"A seu respeito, seu João, eu sei o que a história conta. Sei da sua trajetória, da sua presença forte no jornalismo brasileiro. Sei de seus livros. Seus livros me encantam. Seus



O amigo em referência era o historiador e crítico literário Nelson Werneck Sodré.

"O Nelson tem dedicado a vida a estudar o nosso País. É dele o livro *A História da Imprensa no Brasil*. Se não leu, leia", disse.

Separava-nos uma mesa de madeira de lei. Muito bem esculpida.

O vento malemolente entrava pelas janelas. Lá fora um silêncio gostoso, quebrado apenas pelo pipilar de sabiás, curios e bem-te-vis.

Um paraíso.

Comecei:

Eu – Antes de mais nada, gostaria de saber se o senhor realmente nasceu no dia 5 de agosto de 1881.

Ele – Sim. Nasci nesse dia, mês e ano, no Rio de Janeiro. Meu pai, Alfredo, era professor de Matemática, de 23 anos, e minha mãe, Florência, de 15 anos incompletos, aluna dele. Tive um irmão, Bernardo, que morreu cedo. Meu pai queria que eu fosse professor. Professor de qualquer coisa e aí enveredei pelos caminhos do Jornalismo. Eu tinha uns 16, 17 anos. O primeiro jornal que me abriu as portas foi Cidade do Rio, do abolicionista José do Patrocínio.



livros me ensinam. Pra mim, o senhor é um grande professor de jornalismo. Um mestre".

Ele riu com carinho, acolhendo-me nos seus pensamentos.

Antes de me levar à sua biblioteca, pediu licença para abrir as janelas. "Está meio abafado", comentou.

Em seguida elogiou-me pela fala franca, puxou uma cadeira, duas e nos sentamos um à frente do outro.

Depois de um gostoso cafezinho trazido por uma jovem de nome

Ana, Aninha, contou enquanto levava a xícara à boca: "Essa menina é filha de uma grande amiga minha, a Cilene. Linda, não é?".

Num assobio discreto fez que viesse ao nosso encontro uma cachorrinha catita.

"Essa belezinha, Lilica", disse ele, "ganhei de um amigo que chegou há pouco de uma viagem à Inglaterra".

XP inc.

120 GO GERDAU
O futuro se moldaJBS (NET ZERO)
2040
ALIMENTAR A MUDANÇA É O NOSSO COMPROMISSO.PREVENT SENIOR 

Amigo do meu pai. Ele olhou pra mim e foi logo dizendo: "Faça um texto sobre os negros". Deu-me prazo. Eu tinha dois dias para fazer aquilo. Fui à rua e no mesmo dia entreguei o texto.

Eu – E nesse texto já aparecia o nome João do Rio?

Ele – Não, usei outro

pseudônimo. Não lembro qual. Tive vários. Joe, Claude, Caran D'ache. João do Rio nasceu nas páginas da Gazeta de Notícias.

Eu – Quanto tempo o senhor ficou no jornal do Patrocínio?

Ele – Err... Pouco tempo.

Eu – O senhor começou fazendo textos diferentes dos que se faziam na época...

Ele – Sim, claro. Todo mundo ficava na redação escrevendo coisas. Era assim com Machado (de Assis), por exemplo. Eu gostava dele, mas ele era muito fechado. E com Alphonsus de Guimarães e tantos... Eu sempre me senti muito à vontade nas ruas. Ia pra casa só pra dormir. Mas escrevia nas praças, nos cafés, nos trens. Em todo canto.

Eu – E o Lima Barreto?

Ele – Ah, o Lima era complicado, mas muito talentoso... Era da minha cor. E pobre. A gente não se entendia. Quer dizer, ele não me entendia. Ele dizia umas coisas horrorosas a meu respeito. Não sei por quê. Até me fez personagem de um dos seus livros, o primeiro: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Não liguei. Pra falar a verdade, eu gostava do Lima. Mas ele era complexado, coitado.

Chegou a ser internado com doença de doido. Era mais velho do que eu uns três meses. Morreu em 1922. Assis, não é? Pois bem, seu Assis, pela primeira vez vou dizer uma coisa: não participei, mas assisti aos três dias da *Semana de Arte Moderna*. Ninguém me reconheceu. Achei foi bom.

Eu – Mas como ninguém o reconheceu, se o senhor era um rosto tão conhecido?

Ele – Parabéns, meu filho. Você é atento ao que ouve. Bem, eu estava meio escondido. Entende? Num canto sem luz. Eu e uma amiga minha.

Eu – O que o senhor achou daquela *Semana*?

Ele – Interessante, muito interessante. Gostei muito da apresentação do Villa-Lobos com aqueles pezões branquelos à mostra, mas gostei mais foi das vaías que ganhou. O Mário, o Oswald, o Menotti, muito bons. Bons mesmo! E, à parte disso, sempre gostei de São Paulo. Bela cidade.

Eu – E o senhor escreveu alguma coisa a respeito?

Ele – Não, não. Estava ali como espectador. Eu já havia abandonado a carreira de jornalista.



IMPRENSA FORTE
PAÍS SAUDÁVEL

PREVENT SENIOR 
especialista em pessoas


 ESPECIAL
 DIA DA IMPRENSA

João DO RIO

sem preconceito nenhum. Estava em todas. E gostava de um choppinho... Foi com ela que acompanhei a *Semana de 22*. Ela foi a segunda mulher a escrever num jornal. A primeira foi a maranhense Maria Firmina dos Reis. Negra.

Eu – O senhor foi a primeira pessoa a defender o voto feminino, o divórcio e os direitos do trabalhador.

Ele – Sim, meu filho. A Eugênia compartilhava dos meus pensamentos. Mas ela casou-se e foi cuidar dos filhos. Teve oito. E deixou a profissão.

Eu – No seu tempo existiam muitos jornais e revistas. Quem fazia as melhores charges, caricaturas?

Ele – O Ângelo Agostini, K. Lixto, Belmonte, J.Carlos e Nássara eram muito bons nas ilustrações que faziam. A Rian, também. Rian era o pseudônimo de Nair de Tэфф, esposa do marechal presidente Hermes da Fonseca. Éramos amigos.

Eu – E os mais novos?

Ele – A charge e tudo mais evoluíram com Zivaldo, Fortuna, Millôr, Claudius, Elifas Andreato, Miécio Caffé, Jaguar, Jô Oliveira, Henfil... Esses caras.

Eu – O senhor já ouviu falar dos irmãos Caruso (*Chico e Paulo*), de Angeli, Alcyr, Fausto?

Eu – Jornais e revistas começaram a publicar fotografias no começo do século, não foi?

Ele – A Revista Ilustrada foi a primeira a fazer isso. Mas fotos jornalísticas, propriamente ditas, começaram a ser publicadas na metade do século. Eu gostava muito da diagramação dos jornais *Diário da Noite*, *Correio da Manhã* e *Última Hora*. Esse jornal inovou, fez uma revolução danada. Foi lançado, eu lembro, em junho de 1951, no Maracanã. Gratuitamente. O Samuel (Wainer) chegou a me chamar pra com ele fundar esse jornal, mas não topei. Por trás do Samuel, tinha o Getulio (Vargas) e eu não

gostava do Getulio. De mais a mais, eu queria era sossego.

Eu – Foi Getulio quem viabilizou alguns direitos que o senhor defendia, como o voto feminino, direitos trabalhistas...

Ele – Bom, essa é outra história. Se não fosse ele, seria outro.

Eu – Até onde percebo, Samuel inspirou-se no senhor pra fazer jornalismo. Ele instruiu os repórteres a fazerem reportagens com um toque de "romance" e de "humanismo", certo?

Ele – Você é muito observador.

Parabéns! Em toda boa reportagem há um quê de literatura. O Samuel começou na *Diretrizes*, uma revista provocadora. De esquerda, como se diz.

Eu – O Getulio chegou ao poder através de um golpe. E dentro desse golpe, ele deu outro. Ditadura, Estado Novo. Em 37.

Eu – O senhor mudou a forma de fazer jornal, indo às ruas em busca de notícias. Seguindo seus passos, apareceu uma menina chamada Eugênia Brandão...

Ele – Ah... Eu amava a Geninha. Uma mineirinha muito meiga, muito inteligente,

Ele – O Fausto é ótimo.

Eu – De quem eram os bons textos?

Ele – Viriato Correia, Carlos Lacerda, Samuel Wainer, Tinhorão, Nelson Rodrigues, Moacir Assunção, Kotscho, Castelinho, Moacir Werneck, José Antonio Severo, José Maria dos Santos, Milton Coelho da Graça... Todo mundo diz que foi o Nelson quem criou a expressão "idiotas da objetividade". Não, não foi. O autor dessa graça foi Werneck.

Eu – O que quer dizer idiotas da objetividade?

Ele – Era como pejorativamente chamavam o redator ou *copydesk*, na expressão norte-americana. É um texto jornalístico sem alma, digamos assim. O repórter ia à rua, trazia a notícia e o *copydesk* fazia o que queria com essa notícia. Padronizava-a. É assim até hoje.

Eu – E a nova geração de repórteres?

Ele – Dia desses o Audálio (Dantas) veio me visitar acompanhado de uns jovens chamados Zé Hamilton, Wilson Baroncelli, Eduardo Ribeiro e Marco Zanfra, os dois últimos ainda na faculdade de Jornalismo. Impressionei-me com a história do Zé Hamilton. Ele foi cobrir a guerra no Vietnã. Corajoso. O primeiro a cobrir guerra no Brasil foi Euclides (da Cunha). O trabalho do Euclides foi muito bom. Tem também umas meninas muito boas surgindo na reportagem, como Cremilda Medina, Lu Fernandes, Dora Kramer, Miriam Leitão.

Ele – Tenho horror a ditaduras.

Eu – O que o senhor sentiu ao saber do suicídio de Getulio?

Ele – Nada, aquela foi a maneira que ele encontrou para se livrar dele mesmo e de seu algoz, o Lacerda. Mas não posso negar que há uma grande carga de dramaticidade na carta de despedida deixada pelo finado: "Deixo a vida para entrar na história...". Era vaidoso, não era?

Eu – Lacerda e Wainer eram amigos...

Ele – Eram, você disse bem, mas o Lacerda contribuiu na desgraça do Samuel. Foi ele quem provocou a primeira CPI no Senado. Queria provar que Getulio e o Banco do Brasil deram dinheiro ao Samuel pra fundar o *Última Hora*. Não deu em nada. Foi em 1953. Lacerda chegou até a sugerir que fosse aberto um processo de *impeachment* contra Getulio. Também não deu em nada.

Eu – Quanta história...

Ele – É a idade, meu filho. Com o tempo a gente acumula muita, muita coisa. Você já ouviu falar em Pagu?

Eu – Já. Pagu foi uma libertária. Foi presa mais de 20 vezes. Os homens de Getulio adoravam prendê-la e espancá-la.

Ele – E viveu no jornalismo. Era um texto muito bom o dela.

Eu – A República começou com Deodoro, Floriano, Prudente de Moraes...

Ele – Prudente foi o nosso primeiro presidente civil. Mas ele tinha espírito de militar, de porco, tanto que ordenou a matança de Canudos pelas forças que estavam sob seu comando. Militar no poder é uma pragal! Lugar de militar é no quartel, ou no fronte



XP inc.

120 GO GERDAU
O futuro se moldaJBS (NET ZERO)
2040
ALIMENTAR A MUDANÇA É O NOSSO COMPROMISSO.PREVENT SENIOR 

garras dos militares que assumiram o poder em 1964. Há poucos dias, os agentes da ditadura mataram Vladimir Herzog. Um horror! Você viu? Muitos foram exilados, sem culpa, como Miguel Arraes e Brizola. Esses governos veem comunistas em todo canto...

Eu – O senhor é de um tempo de muitas mazelas...

Ele – Eu passei por muitas tempestades, muitas pragas. Passei pela peste bubônica, pela febre amarela, pela gripe espanhola. Você sabe que a meningite chegou ao Brasil em 1906? Pois é. E pra ver como são as coisas: a meningite voltou a matar. E os militares proibindo os jornais de noticiarem essa praga. Há pouco, Clóvis Rossi (Estadão) e Eliane Cantanhêde (Veja) escreveram reportagens sobre o tema, mas a censura brecou. Censura não pode existir.

Eu – E a Revolta da Vacina, como é que foi?

Ele – Um problemão. O prefeito do Rio era Pereira Passos, o homem que endoideou e derrubou tudo quanto foi casa de pobre. Queria fazer do Rio uma Paris. A febre estava pegando, até que o prefeito contratou o paulista Oswaldo Cruz pra dar conta da coisa. Deu. Vacina é a solução. A espanhola também foi fogo. Morreu muita gente, mas no fim teve até um Carnaval maluco com muitos comemorando a vida como se fosse o fim do mundo. A polícia bateu, prendeu e matou no correr daquela Revolta.

Eu – A febre foi em 1904, a espanhola em 1918. No meio disso, teve a Revolta da Chibata, que também foi uma praga.

Cervantes, Maquiavel, Petrarca, Flaubert. E de Homero, claro. Homero era cego... só dos olhos, você sabe.

Eu – O senhor não citou nenhum brasileiro entre os seus autores prediletos.

Ele – Na prosa, Machado foi o maior de todos. Gosto muito também de Mário de Andrade, Zé Lins do Rego, Érico Veríssimo, Guimarães Rosa e Rachel de Queiróz. A Rachel foi uma grande escritora.

Eu – E na música?

Ele – Bach, Beethoven, Ravel, Chopin. E Carlos Gomes, claro.

Sempre fui um grande apreciador de ópera.

Mas também gosto de música popular, como Noel Rosa e Chiquinha Gonzaga.

Eu – E os novos artistas?

Ele – Chico, Caetano, Vandré. Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro são ótimos.

Eu – A nação brasileira é uma nação miscigenada. Dizem que é a maior do mundo. Mas o fato é que há uma grande discriminação contra pobres e negros. Mas tivemos negros de grande importância, como Nilo Peçanha, certo?

Ele – Certo.

Eu – A propósito, tem uma história de que o presidente Nilo Peçanha indicou o senhor para trabalhar na Gazeta de Notícias. É fato?

Ele – É fato. Mas todo mundo me



Lula Palomanes

Ele – Um horror! Foi a Marinha batendo e matando marinheiros negros. João Cândido foi um herói.

Eu – E o senhor, foi preso alguma vez?

Ele – Não, não...

Eu – Sofreu algum tipo de censura?

Ele – Também não. Tudo o que escrevi publiquei.

Eu – O senhor tem uma obra muito bonita. Muitas crônicas, muitas reportagens, muitos contos e até um romance. Faltou-lhe fazer alguma coisa?

Ele – Não, fiz o que tinha que fazer. Sei que inovei no Jornalismo. Antes de mim, ninguém fazia reportagem. Ninguém ia às ruas, aos cabarés, às favelas, às cadeias, aos centros de macumba. Eu fui! Entrevistei bandidos, malandros. Frequentei a casa de tia Ciata. Cantei, dancei. Fui amigo de artistas como Donga, Bahiano, Pixinguinha, Patápio Silva, Eduardo das Neves... Eu vivia o ar das ruas.

Eu – Mas o senhor também frequentava o palácio do Catete...

Ele – No Catete eu falei com presidentes. Na Câmara e no Senado, falei com deputados e senadores. Falei com todo mundo, de mendigos a endinheirados. As ruas me encantavam. Os pés descalços me encantavam. Eu me misturava com eles. Você já leu Victor Hugo?

Eu – Sim. Os Miseráveis é uma obra-prima. A propósito, quais são os seus autores prediletos?

Ele – Além de Hugo, gosto de Shakespeare,



convidava para escrever nos jornais e nas revistas. Mas foi o Lima (Barreto) quem espalhou o boato de que eu estava em má situação e que fui salvo pelo presidente. Pura maldade.

Eu – Mas o senhor também teve muitos amigos. Teve inimigos?

Ele – Não, que me lembre, não. Tive grandes amigos: Coelho Neto, Olavo Bilac, João Ribeiro...

Eu – Na Gazeta o senhor começou a trabalhar em 1903 e ficou até 1915.

Ele – Sim, sim. Cheguei ao cargo de diretor, substituindo o Irineu (Marinho). Eu e o Irineu formamos sociedade para criar A Noite. Foi esse jornal que serviu de base para O Globo, que foi lançado em julho de 1925. A Noite, em junho de 1911.

Eu – E a Academia Brasileira de Letras?

Ele – Eu me dava bem com o Machado, que era presidente. Na primeira vez em que me candidatei à ABL, perdi. Na segunda, também. Só ganhei na terceira. O Coelho Neto me recebeu muito bem, com um discurso belíssimo.

Eu – Antes de ocupar cadeira na ABL, o senhor andou viajando pela Europa e até virou membro da Academia de Ciências de Lisboa, certo?

Ele – Certo. Andei por Itália, Portugal, Inglaterra. Gostei muito de Portugal.

Eu – E aquela história do Itamaraty, em 1902?

Ele – Lamentável. Pelo fato de eu ser negro e um pouco gordo, o barão do Rio Branco me vetou.

Eu – Preconceito?

Ele – Sim. Preconceito é uma desgraça. Somos pessoas, independentemente de cor, política ou opção sexual. Pena. Mas como você lembrou, fiz uma obra bem legal.

Eu – Acho que é no livro A Alma Encantadora das Ruas que o senhor fala de folhetos de cordel. É isso?



ninguém sabe como ele morreu. O corpo nunca foi encontrado. Era paraibano, acho. Conheci também Minona Carneiro e Manezinho Araújo. Esses eram emboladores incríveis. Cantavam depressa, tudo rimado, na ponta da língua.

Eu – O senhor escreveu belos livros. Na sua opinião, quais são os melhores?

Ele – Gosto de todos, mas *As Religiões do Rio* marcou por ter sido o primeiro. Eu tinha 23 anos quando o lancei.

Eu – *Religiões do Rio* foi uma série de reportagens publicada originalmente na *Gazeta de Notícias*...

Ele – Sim, nesse mesmo jornal publiquei uma série de perfis de intelectuais. Virou livro também. Nele estão Osório Duque Estrada, Clóvis Bevilacqua, Guimarães Passos, Mário Pederneiras, Afonso Celso. Tentei entrevistas com Machado de Assis, Graça Aranha, Augusto dos Anjos, Emílio de Menezes, José Veríssimo, Euclides da Cunha... Eles foram adiando, adiando e nada... Mas o livro ficou bom.

Eu – Gosto desse livro. Momento Literário, não é?

Ele – Esse mesmo.

Eu – *Euclides da Cunha* cobriu a Guerra de Canudos, no interior da Bahia. Muita gente acha que foi ele quem inventou a reportagem. O que o senhor tem a dizer?

Ele – Euclides era um militar do Exército e engenheiro de

Eu – E nunca enfrentou preconceito por isso?

Ele – Sim, sim, meu filho. Mas nunca neguei a minha condição de homossexual. Que diferença faz? Sou um ser humano como você. E viva a diversidade!

Eu – Todo mundo diz que o senhor morreu em 1939, num táxi.

Ele – Pois é. Incrível. E como você vê, estou vivo!

Eu – E aquela multidão de 100 mil pessoas acompanhando o féretro de João do Rio? Como explicar?

Ele – Mistéééério, mistéééério... Ainda pretendo contar essa história num livro.

Eu – O senhor nunca deu uma entrevista. Por quê?

Ele – Você é um ótimo repórter. Quantos anos você tem?

Eu – Vinte e três. Na virada do século 19 já havia o que chamamos hoje de furo jornalístico?

Ele – Essa coisa de furo é recente.

No meu tempo de repórter ativo usávamos a expressão "notícia nova" ou "a boa". O editor gritava lá do lugar dele: "Tem a boa hoje?" Pessoalmente, acho isso uma bobagem, mas é importante para incentivar os repórteres a irem às ruas em busca de notícias novas. É lá que elas estão.

Eu – Como o senhor define o jornalismo?

Ele – O jornalismo é a chibata do povo. Melhor: a imprensa é a voz do povo. A verdade e a liberdade serão sempre a principal pauta do jornalismo. Repórter

profissão. Foi a Canudos pra fazer um livro. Aproveitou pra mandar notícias para um jornal de São Paulo, *A Província*. Bom, eu diria: Euclides foi o primeiro correspondente de guerra no Brasil. O seu trabalho é ótimo. Eu, da minha parte, fui às ruas para entender o povo. Eu pus o povo nas páginas do jornal.

Eu – *Euclides foi documentarista, romancista e poeta. O senhor não escreveu poesia, mas escreveu peças para teatro, certo?*

Ele – Certo.

Eu – *Que peça sua fez mais sucesso?*

Ele – *A Bela Madame Vargas*, que tinha nada a ver com a mulher de Getúlio. Fez sucesso talvez pelo fato de a personagem encarnar o *society* que se vivia à época, no Rio.

Eu – *Muita gente já disse que o senhor é a cara do Rio de Janeiro esculpida em Carrara. Por que trocou o Rio por Salvador?*

Ele – Apaixonei-me. Uma pessoa maravilhosa me pôs no seu coração.

Eu – *Foi a dançarina Isadora Duncan?*

Ele – Não, não. Deixa pra lá...

Eu – *O senhor nos ensina que o repórter tem que ser persistente, tem que ir a fundo nas questões que considere essenciais na formação da suma matéria. Em função disso, eu lhe pergunto: o senhor é homossexual?*

Ele – Sem problemas. Sou sim.

bom é caçador, é o que caça a verdade. Sem a verdade, prevalece a mentira. E esse é um campo perigoso, propício a ditaduras.

Eu – *Que mensagem o senhor daria aos jovens?*

Ele – Estudem e leiam, leiam, leiam! É como disse o Lobato: "Um país se faz com homens e livros". Quem lê mais, sabe mais.

Um ano e meio depois desta entrevista, João Paulo Emilio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto foi encontrado morto num quarto do casarão onde morava. Parecia tranquilo. Nos lábios, um sorriso maroto. E para minha surpresa, no testamento que fez doou-me a sua biblioteca. Tempos depois, essa mesma biblioteca eu doei ao [Instituto Memória Brasil \(IMB\)](#).

OUÇA: [EMBOLADA PRA JOÃO DO RIO](#)



2021

Programa Avançado em Comunicação

De 22 de maio até 13 de novembro

Interna

5ª Edição

ABERJE DIGITAL



PRECIO SIDADES do Acervo ASSIS ÂNGELO

João do Brasil

O mundo mudou com a invenção da prensa pelo alemão Gutenberg, no começo da segunda parte do século 15.

O primeiro desafio de Gutenberg foi imprimir a Bíblia. A impressão durou cinco anos, de 1450 a 1455.

Não se sabe quantos volumes foram impressos, mas essa é outra história.

O primeiro jornal impresso de que se tem notícia foi o Nieuwe Tijdinghen, lançado em 1602 na Bélgica.

No Brasil, o primeiro jornal foram dois: Correio Braziliense, editado por Hipólito José da Costa, em Londres; e Gazeta do Rio de Janeiro, editado pelo frei Tibúrcio José da Rocha.

Esses dois jornais começaram a circular no mesmo ano: 1808.

Logo após essas publicações, surgiram outras em diversas partes do País.

Daquele tempo, três jornais ainda sobrevivem: Diário de Pernambuco (1825), O Estado de S. Paulo (1875) e o paraibano A União (1893).

Choveu impressos no Império, feitos por escritores e políticos.

Alguns marcaram época, como Diário Mercantil (1824-1827), Jornal do Commercio (1827-2016), Cidade do Rio (1887-1902) e Gazeta de Notícias (1875-1942).

Escreviam nesses jornais Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Machado de Assis, Franklin Távora, Lima Barreto, Alfonso Guimarães, Olavo Bilac e outros mais, incluindo o autor do livro *Os Sertões*.

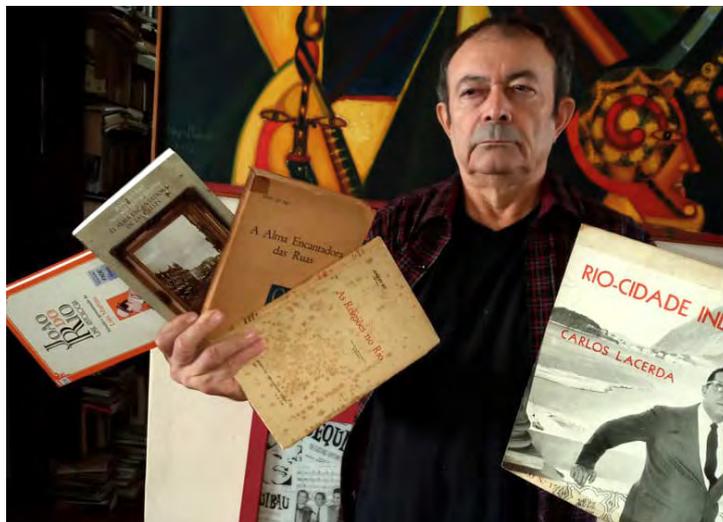
Os Sertões, de Euclides da Cunha, conta a história da *Guerra de Canudos* (1896-1897).

A história é longa.

Na virada do século 19, surgiu nas páginas do jornal Cidade do Rio aquele que seria considerado o nosso primeiro repórter: João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, que ficaria famoso pelo pseudônimo João do Rio.

As primeiras reportagens assinadas por esse João apareceram na Gazeta de Notícias. Tema: religiões.

Por Assis Ângelo



João foi um repórter destemido e seus textos, brilhantes, como brilhantes eram os textos de Machado de Assis e Lima Barreto.

Lima não se dava com João, que nutria grande admiração por Machado.

Machado mantinha distância de Lima e João. Sem explicação.

Machado de Assis, Lima Barreto e João do Rio eram negros e de origem humilde. Não tiveram filhos.

Esses três brasileiros deixaram uma obra fabulosa.

Machado foi o primeiro jornalista a cobrir debates no Senado.

Como Machado e Lima, João contou a história do Rio em formato de reportagem. Pelo avesso.

Alguns estudos já foram feitos sobre a obra do repórter, que também foi contista. A propósito, leia: [O HOMEM DA CABEÇA DE PAPELÃO](#)

A importância de João do Rio na cultura brasileira é referida por muita gente, inclusive por Carlos Lacerda (1914-1977) num LP dos anos 1970.

Viva Gutenberg!

Contatos pelos assisangelo@uol.com.br, <http://assisangelo.blogspot.com>, 11-3661-4561 e 11-985-490-333.

PRESS ROOM

NEGÓCIOS PARA AGÊNCIAS
VISIBILIDADE PARA CLIENTES

Hospedagem
+ Design gráfico
+ Suporte

Elabore press rooms e poste diretamente da plataforma l'Max.

l'MAX
COMMUNICATE MORE

Orçamentos:
11-3090-6119